



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES – CFP
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS – UACS
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

MARCUS FELIPPE GABRIEL ALVES

ABORDAGENS DO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM NO 7º ANO DE
GEOGRAFIA NA ESC. MUN. Dr. JOSÉ DANTAS PINHEIRO NO MUNICÍPIO DE
SÃO JOÃO DO RIO DO PEIXE-PB: REFLEXÕES E PROPOSTAS

CAJAZEIRAS - PB
2015

MARCUS FELIPPE GABRIEL ALVES

**ABORDAGENS DO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM NO 7º ANO DE
GEOGRAFIA NA ESC. MUN. Dr. JOSÉ DANTAS PINHEIRO NO MUNICÍPIO DE
SÃO JOÃO DO RIO DO PEIXE-PB: REFLEXÕES E PROPOSTAS**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Geografia, da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande, como Requisito parcial para conclusão da disciplina “Trabalho de Conclusão de Curso”.

Orientadora: Profa. Dra. Cícera Cecília Esmeraldo Alves

**CAJAZEIRAS - PB
2015**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
André Domingos da Silva - Bibliotecário CRB/15-730
Cajazeiras - Paraíba

A474a Alves, Marcus Felipe Gabriel

Abordagens do processo ensino-aprendizagem do 7º ano de geografia na Esc. Mun. Dr. José Dantas Pinheiro no município de São João do Rio do Peixe-PB: reflexões e propostas. / Marcus Felipe Gabriel Alves. Cajazeiras, 2015.

59f. : il.

Bibliografia.

Orientador (a): Cícera Cecília Esmeraldo Alves.

Monografia (Graduação) - UFCG/CFP

1. Ensino de Geografia – São João do Rio do Peixe - PB. 2. Ensino - aprendizagem. 3. Ensino fundamental. 4. Práticas pedagógicas. I. Alves, Cícera Cecília Esmeraldo. II. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU –91:37(813.3)

MARCUS FELIPPE GABRIEL ALVES

**ABORDAGENS DO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM NO 7º ANO DE
GEOGRAFIA NA ESC. MUN. Dr. JOSÉ DANTAS PINHEIRO NO MUNICÍPIO DE
SÃO JOÃO DO RIO DO PEIXE-PB: REFLEXÕES E PROPOSTAS**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Geografia, da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande, como Requisito parcial para conclusão da disciplina “Trabalho de Conclusão de Curso”.

Aprovada em ____/____/ 2015

BANCA EXAMINADORA

Profª. Dra. Cícera Cecília Esmeraldo Alves (CFP/UFCG – Orientadora)

Prof. Dr. Marcelo Henrique de Melo Brandão (CFP/UFCG – Examinador)

Profª. Msa. Renata da Silva Barbosa (CFP/UFCG – Examinadora)

Ensino Aprendizagem de Geografia

O processo ensino-aprendizagem
No contexto escolar
Apresentou diversas realidades
Nas práticas de educar
Nas formas como se conduzia
Os currículos e as metodologias
Ao longo da jornada escolar.

Um ensino mnemônico
Sem nenhuma reflexão
Que não desperta o interesse
Nem tão pouco a motivação
O aluno só tende a desgostar
Perder o prazer em estudar
Não tendo satisfação.

Tais práticas são criticadas
Para os dias atuais
Tendo outras formas inovadoras
Construtivas e legais
Dentro do contexto educacional
O método tradicional
Já não significa mais.

No contexto da Geografia
Em um mundo em complexidade
Questiona a sua metodologia
Diante de outra realidade
A mesma deve ter preponderância
Em um mundo impactado pelas mudanças
Ocorridas na sociedade.

O saber geográfico
Tem um papel fundamental
Em sua aplicabilidade
Para o mundo atual
Aliando a teoria à prática
A construção geográfica
A realidade social.

A mesma deve estar voltada
Para a construção
Do saber geográfico
Na formação de um aluno cidadão
Capaz de atuar em sua cidadania
No mundo em que ele vivencia
Como agente de transformação.

Henrique Batista

Aos meus pais João e Zilda, a minha esposa
Ayanne e meu filho Paulo.

COM AMOR, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, que me deu a inspiração e a capacidade necessárias para desenvolver esta pesquisa. A Ele a honra, glória, louvor e adoração.

A minha orientadora, Professora Doutora Cícera Cecilia Esmeraldo Alves, por sua confiança e preciosas orientações dedicadas ao meu êxito, os meus sinceros agradecimentos.

Aos membros da banca, Professor Doutor Marcelo Brandão e Professora Mestre Renata Barbosa, pelo apoio e incentivo transmitidos ao desenvolvimento deste trabalho.

Um agradecimento especial aos gestores da Escola Municipal Dr. José Dantas Pinheiro, Rosivaldo Amador, Raimunda Gomes e Maria Jussara, os quais, bondosamente, me acolheram e deram total liberdade para transitar pelos ambientes da escola e dialogar com os professores, alunos e demais funcionários.

Aos professores e alunos de Geografia do 7º ano, que, amigavelmente, se dispuseram a participar das entrevistas e, assim, dialogar sobre o processo de ensino-aprendizagem dessa disciplina.

Ao meu irmão e amigo Henrique Batista pelas valiosas dicas concedidas para a organização deste trabalho e ainda aos meus colegas José, Neto e Antônio Coutinho pelas suas contribuições na parte cartográfica.

Tenho o grande prazer em agradecer a minha família, especialmente aos meus queridos pais, João e Zilda, como também a minha amada esposa Ayanne e ao meu filhinho Paulo, que sempre acreditaram na minha vitória e fizeram com que seguisse em frente.

A todos que contribuíram direta ou indiretamente para que esse momento tão importante pudesse se concretizar na minha vida, agradeço de coração.

RESUMO

Este trabalho surgiu de uma preocupação genuína com o processo de ensino-aprendizagem correspondente à disciplina de Geografia no Ensino Fundamental, a base de conhecimento dos nossos alunos. Diante disso, propusemo-nos a analisar tal processo, tendo como foco de estudo as turmas do 7º ano, pertencentes à Escola Municipal Dr. José Dantas Pinheiro, esta localizada na cidade de São João do Rio do Peixe, Paraíba. Assim sendo, passou-se a avaliar as práticas pedagógicas desenvolvidas pelos professores e, com isso, a metodologia e os procedimentos adotados por esses profissionais em sala de aula. Consequentemente, algumas reflexões foram necessárias, no que diz respeito às dificuldades e aos dilemas verificados a partir do ensino de Geografia no referido contexto escolar. Nessa perspectiva, e com a finalidade de proporcionar uma abordagem mais completa deste processo, os alunos foram alvo da pesquisa, dos quais buscou-se saber a opinião, ou seja, o posicionamento de cada um em relação às aulas, especialmente à forma como o professor aborda a disciplina. Sendo assim, com base nos relatos e nas reflexões realizadas no decorrer da pesquisa, realizou-se alguns comentários, nos quais se pôde verificar a importância de se aprofundar o estudo desta temática e, assim, visualizar a percepção das práticas pedagógicas utilizadas no processo de ensino-aprendizagem de Geografia, bem como dos recursos metodológicos, já que têm como objetivo proporcionar a construção do conhecimento e a capacidade crítico-reflexiva dos alunos.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino-aprendizagem. Geografia. Ensino Fundamental. Práticas pedagógicas.

ABSTRACT

This work emerges of a genuine concern for the corresponding teaching-learning process to Geography discipline in the Elementary school, the base of the knowledge of our students. Therefore, we propose to analyze this process, with the focus of study classes 7th grade, belonging to the Municipal School Dr. José Pinheiro Dantas, is located in São João do Rio do Peixe city, Paraíba state. Like this being, he happened to evaluate the pedagogical practices developed by teachers and, therefore, the methodology and procedures adopted by these professionals in the classroom. Consequently, some reflections were necessary, with regard to the difficulties and dilemmas verified from the Geography teaching in that school context. From this perspective, and in order to provide a more complete approach to this process, they students were subject of the research, of which seek to know the opinion, that is, the position of each in relation to school, especially the way the teacher approaches the discipline. Thus, based on reports and reflections made during the took place, we weave some comments, in which one can observe the importance of further study of this issue and thus excite the perception of pedagogical practices used in Geography teaching-learning process as well as the methodological resources, as aim to provide the construction of knowledge and critical-reflexive ability of students.

KEYWORDS: Teaching-learning. Geography. Elementary school. Pedagogical practices.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa de Localização do Município de São João do Rio do Peixe – PB	16
Figura 2 - Vista aérea da cidade de São João do Rio do Peixe, Sertão da Paraíba.....	17
Figura 3 - Fachada da Escola Dr. José Dantas Pinheiro	21
Figura 4 - Quadro demonstrativo das possibilidades para um ensino de Geografia bem-sucedido.....	26
Figura 5 - Vista aérea da Escola Municipal Dr. José Dantas Pinheiro, em destaque	47

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - 7º ano (C): Quantificação dos alunos e respectivos elementos apreciados na disciplina.....	40
Gráfico 2 - 7º ano (D): Quantificação dos alunos e respectivos elementos apreciados na disciplina.....	40
Gráfico 3 - 7º ano (E): Quantificação dos alunos e respectivos elementos apreciados na disciplina.....	40
Gráfico 4 - 7º ano (C, D, E): Quadro quantitativo das impressões dos alunos sobre a utilidade da Geografia em suas vidas	42
Gráfico 5 - 7º ano (C): Quantitativo de alunos e de disciplinas citadas	43
Gráfico 6 - 7º ano (D): Quantitativo de alunos e de disciplinas citadas	44
Gráfico 7 - 7º ano (E): Quantitativo de alunos e de disciplinas citadas	44

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 COMPREENDENDO O ESPAÇO URBANO EM ESTUDO: UMA ANÁLISE GEO-HISTÓRICA	15
2.1 CARACTERIZAÇÃO SOCIO-ESPACIAL DA CIDADE DE SÃO JOÃO DO RIO DO PEIXE-PB.....	15
2.2 CONHECENDO A ESCOLA MUNICIPAL DR. JOSÉ DANTAS PINHEIRO	19
3 REFERENCIAL TÉORICO-METODOLÓGICO	23
3.1 A GEOGRAFIA ESCOLAR.....	23
3.2 EDUCAÇÃO E ENSINO: ALGUMAS IMPLICAÇÕES AO PROCESSO DE APRENDIZAGEM.....	27
3.3 O ENSINO DE GEOGRAFIA E O LIVRO DIDÁTICO	31
3.4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	34
4 ENSINO-APRENDIZAGEM DE GEOGRAFIA: UMA CONVERSA COM PROFESSORES E ALUNOS DE 7º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL DA ESCOLA MUNICIPAL DR. JOSÉ DANTAS PINHEIRO.....	35
4.1 SOB A ÓTICA DOS PROFESSORES	35
4.2 SOB A ÓTICA DOS ALUNOS	38
4.3 A PESQUISA E SEUS RESULTADOS: A ÓTICA DO OBSERVADOR.....	44
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	49
REFERÊNCIAS	51
ANEXOS	

1 INTRODUÇÃO

Na escola são diversas as realidades e os desafios que nos deparamos ao longo da jornada escolar enquanto sujeitos pertencentes a esse ambiente social. Com isso, é amplo o campo de aprendizado e de experiências no contexto de ensino. Dessa forma, torna-se evidente o surgimento de contrastes, que vão da figura do professor à figura do aluno. Sabe-se que a sociedade contemporânea muda rapidamente seus valores e, por isso, a escola deve refletir sobre suas práticas para que, assim, possa lançar propostas adequadas ao cotidiano dos alunos, os quais, conseqüentemente, tornar-se-ão cidadãos críticos e capazes de atuar na sociedade na qual estão inseridos.

É fato que uma prática educativa deve ter como cerne a construção do conhecimento mediante o processo de transformação do ensino-aprendizagem e, dessa forma, estar em consonância com uma visão consciente e crítica, buscando sempre a reflexão da realidade vigente. Dessa maneira, pode-se estar fazendo uma relação da postura do professor com a dos alunos frente a tal realidade encontrada e, com isso, avaliar as conseqüências das práticas exercidas que irão refletir de determinada forma na vida social. Isso porque uma educação crítica e consciente constitui-se de incontestável importância para o desenvolvimento dos sujeitos.

Neste ínterim, deve-se considerar de extrema necessidade que o aluno perceba sua identidade com a escola e, conseqüentemente, com o ensino. Isso se tornará possível quando o mesmo encontrar a motivação e o prazer tão necessários ao estudo. Dessa forma, tratar os conteúdos em sala de aula de forma empírica pode transmitir o significado de que os jovens precisam para as suas vidas enquanto cidadãos.

Em se tratando do ensino de Geografia, foco de nosso estudo, faz-se importante para este momento destacar como o mesmo se dava em tempos anteriores em território nacional. Vale ressaltar, então, que tal ensino apresentava-se de forma mnemônica e conteudista, nesse contexto os alunos sentiam-se na obrigação de memorizar conteúdos e nomenclaturas, certamente sem muita importância para o seu cotidiano.

Tal realidade se fez presente ao longo da história em nosso país durante décadas. Com o passar dos anos, especificamente a partir do século XX, essas práticas passaram a ser criticadas e combatidas como uma forma de inovar o ensino e proporcionar outro caráter aos conteúdos curriculares pertencentes à Geográfica, fato este que poderia tornar o aprendizado mais significativo para o aluno.

Sendo assim, torna-se ainda mais evidente a necessidade de se refletir o papel do professor de Geografia frente às novas demandas da sociedade e, conseqüentemente, amenizar as dificuldades encontradas na aprendizagem dos alunos em relação aos conteúdos. Nessa perspectiva, passa-se a avaliar a realização de determinadas tarefas, uma vez que os alunos ainda poderiam estar envolvidos em uma forma mnemônica de estudo e, por isso, sem a oportunidade de concretizar suas próprias opiniões.

Diante do exposto, o presente trabalho tem como finalidade analisar o processo de ensino-aprendizagem e, a partir disto, refletir as dificuldades e os dilemas encontrados no ensino de Geografia para, assim, poder lançar propostas que tenham como fundamento um caráter prazeroso e inovador. Para tanto, dando ênfase ao Ensino Fundamental, momento em que o aluno passa a construir a base de vários conhecimentos. Neste sentido, este estudo direciona-se às turmas do 7º ano, as mesmas pertencentes à Escola Municipal Dr. José Dantas Pinheiro, localizada na cidade de São João do Rio do Peixe, Paraíba.

A meta, portanto, é investigar como se dá o processo de ensino da disciplina Geografia em sala de aula, percebendo as práticas pedagógicas desenvolvidas pelos professores das referidas turmas. Como consequência disso, as metodologias adotadas e os procedimentos realizados pelos docentes tornam-se aspectos de extrema importância e merecedores de um olhar-observador mais atento. Tal olhar também está voltado à opinião dos alunos em relação às aulas de Geografia e à forma como o respectivo professor trabalha a disciplina.

No que diz respeito à formatação, este trabalho constitui-se de três capítulos. No primeiro momento, apresentou-se a área de estudo na qual se desenvolveu a pesquisa. Neste instante, são abordadas características referentes ao contexto social – foco de estudo e, com isso, os aspectos naturais, sociais, culturais e econômicos do lugar onde a escola e respectivos sujeitos (professores e alunos) estão inseridos, são avaliados.

Posteriormente, será apresentado o referencial teórico e metodológico adotado para esta pesquisa. Neste âmbito, nosso estudo tem como fundamento as abordagens referentes ao processo de ensino-aprendizagem que, neste caso, são a Geografia Escolar, Educação e Ensino: implicações no processo de aprendizagem, o Ensino de Geografia e o livro didático.

O terceiro e último capítulo traz as concepções de professores e alunos, as quais foram possíveis por meio de entrevistas e questionários realizados, que tiveram a intenção de perceber os desafios e as dificuldades enfrentadas por professores e alunos no ambiente

escolar ao qual pertencem. Após a apresentação de tais relatos, entra em cena o olhar do pesquisador/observador, que passa a tecer alguns comentários provenientes da compreensão estabelecida no contato direto com professores e alunos.

É importante frisar que o estudo desta temática é de grande relevância, visto que as discussões neste sentido têm aumentado nos últimos anos. Neste aspecto, ressalta-se o valor de se atentar para as práticas pedagógicas até então tomadas como caminhos para a construção do conhecimento e da capacidade crítico-reflexiva dos alunos no ensino de Geografia.

2 COMPREENDENDO O ESPAÇO URBANO EM ESTUDO: UMA ANÁLISE GEO-HISTÓRICA

São João do Rio do Peixe nasceu às margens do Rio do Peixe e corresponde a uma das povoações mais antigas do oeste paraibano. Passou à condição de cidade no ano de 1881, quando se desmembrou do município de Sousa. Está situada a oeste do sertão paraibano, na microrregião de Cajazeiras. Sua ocupação deu-se originariamente por índios, os denominados Icós-pequenos. Uma formação comum a muitas povoações hoje existentes. Sobre este aspecto, o estudioso Seabra (2007, p.97) faz as seguintes considerações:

Desde da antiguidade são identificados grupos sociais reunidos em pequenas aglomerações em todos os continentes. Com o advento da agricultura e a domesticação de animais pequenos povoados foram instalados a beira dos rios, as margens das estradas e nos cruzamentos. Muitas das cidades hoje existentes foram originadas nesses vilarejos.

Temos, pois, um povoado erguido a partir de uma fazenda, esta conhecida como Fazenda Velha, e pertencente ao Capitão-Mor João Dantas Rothéa.

2.1 CARACTERIZAÇÃO SOCIO-ESPACIAL DA CIDADE DE SÃO JOÃO DO RIO DO PEIXE-PB

Até 1953, São João do Rio do Peixe possuía 1479 km², todavia, com os desmembramentos ocorridos dos municípios Uiraúna, Triunfo, Santa Helena e Poço José de Moura, a área foi reduzida a 474 km².

Nos seus Limites São João do Rio do Peixe faz divisa ao Norte com os municípios Uiraúna, Triunfo e Poço José de Moura; ao Sul com Cajazeiras e Nazarezinho; a Leste, com Sousa, Marizópolis e Vieirópolis; e a Oeste com Triunfo, Santa Helena e Bom Jesus.

Para essa discussão, vale ressaltar as palavras de Souza (2003, p. 28), quando o mesmo diz que “Cidade é um local onde as pessoas se organizam se interagem com base em interesses e valores os mais diversos, formando grupos de afinidade com base de identidades territoriais que os indivíduos buscam manter e preservar”.

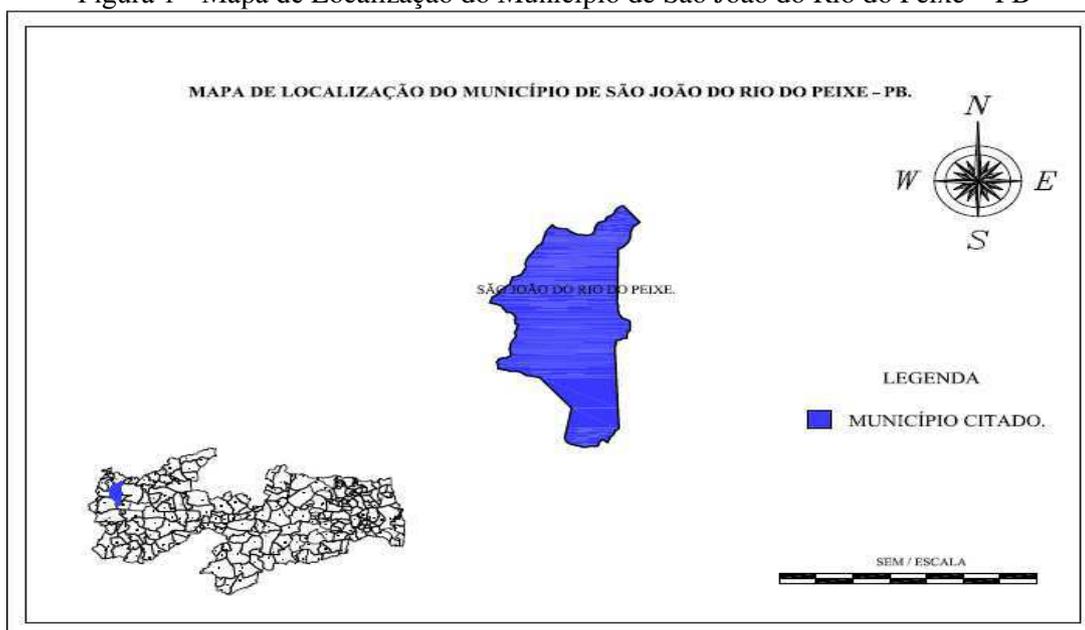
Neste sentido, a cidade, agora referenciada, apresenta um grande valor histórico e cultural, uma vez que possui lugares construídos pela contribuição direta de nossos

antepassados, que deixaram suas marcas através dos casarões, das capelas, das igrejas, das praças e de outros monumentos eivados de valores e de uma significação cultural ímpar, que conta a história do povo são-joanense.

Outro dado relevante diz respeito ao crescimento populacional da cidade. Conforme o IBGE, Censo (2010), a população são-joanense da época correspondia a 18.201 habitantes, sendo 6.885 (37,8%) na área urbana e 11.316 (62,2%) na zona rural, constituindo uma densidade demográfica de 38,36 (hab/km²).

No aspecto populacional urbano, vemos características heterogêneas: uma minoria com maior poder aquisitivo e a outra maior parte dividida em classe média e pobre. Para uma melhor visualização deste território apresentamos sua localização pelo seguinte mapa (figura 1).

Figura 1 - Mapa de Localização do Município de São João do Rio do Peixe – PB



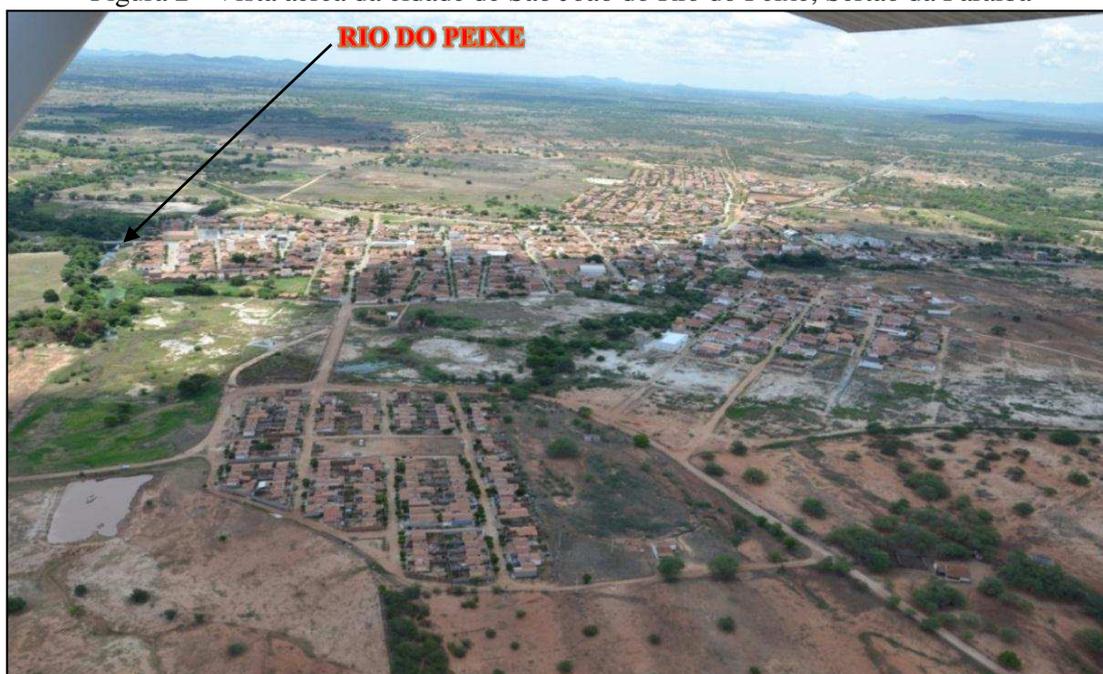
Fonte: INCRA, 1984

Assim, temos a configuração de um município considerado pequeno e que, tal como em outros, possui uma grande movimentação de pessoas na parte central, por onde passa a via de trânsito principal, esta rodeada pelas atividades de comércio, agências bancárias, cartórios de protestos, casas lotéricas, consultórios médicos, igrejas, dentre outros serviços e estabelecimentos comerciais. Souza (2003, p. 64), ao escrever sobre as cidades e suas configurações, diz que

Os espaços onde as atividades de comércio e serviços se concentram são de vários tipos. A grande maioria das cidades possui, claramente, o seu “centro”, correspondendo, o mais das vezes, ao centro histórico (local onde a urbe foi fundada, e que abriga prédios de um certo ou mesmo um grande valor histórico).

Com um formato de quarteirões quadriculados, São João possui ruas retilíneas tanto largas como estreitas. Além disso, possui expansões que acompanham a linha férrea, as rodovias estadual (BR 230), federal (BR 405) e as margens do Rio do Peixe. Os traços arquitetônicos encontram-se, principalmente, no centro urbano, onde foram construídos os casarões, as casas comerciais, bem como construções religiosas, administrativas e grande parte dos imóveis residenciais. Nas últimas décadas, pôde-se observar um forte impulso no crescimento de residências, conforme a imagem abaixo (figura 2) demonstra.

Figura 2 - Vista aérea da cidade de São João do Rio do Peixe, Sertão da Paraíba



Fonte: SILVESTRE FOTOGRAFIAS AÉREAS, 2014

O centro da cidade contém grande parte dos bairros mais antigos. Muitos bairros considerados novos e conjuntos residenciais surgiram a partir da década de 70 e vêm se expandindo “[...] como o resultado do aumento da população que vive em cidades em relação à população que vive no campo [...]” afirma Sposito (1994) apud Seabra (2007, p. 99).

O que chamamos de “periferia”, hoje, é onde se concentram bairros consideravelmente ricos, com construções de residências modernas e de padrão arquitetônico bem elevado. Esse fato se deu, possivelmente, devido a um número significativo de pessoas com influência política e social, que residiam mais ao centro, terem se deslocado para as áreas periféricas em busca de mais lazer e maior contato com a natureza.

Nos territórios nobres como o denominado Bairro da Gruta, que engloba pessoas de classe média alta, também há contrastes quanto ao poder aquisitivo, pois muitas são as moradias simples da classe pobre. Com isso, são perceptíveis os diferentes modos de produção do espaço, revelando uma forte desigualdade social compreendida em pequenas distâncias.

Os bairros considerados pobres, ou menos favorecidos, são o Bairro Adelino Pinto e o Bairro das Populares, estes recém-construídos por programas governamentais como o “Minha Casa, Minha Vida” e que detém uma parte da população com menos poder aquisitivo, e uma infraestrutura ainda inadequada em relação à falta de calçamento e à presença de um sistema de esgoto que atenda aos moradores.

Outras áreas periféricas vêm crescendo bastante através dos loteamentos, estes cada vez mais valorizados e ocupados com as construções de residências que, por sua vez, atraem outros interessados e expandem as áreas vizinhas.

Sobre esse crescimento e ocupação surge uma preocupação em relação a áreas consideradas impróprias para a construção, localizadas às margens do Rio do Peixe, um espaço limite que vem sendo invadido pela ação humana. Como consequências disso, percebe-se famílias sofrerem com as inundações nos períodos prolongados de chuva forte e com o lixo acumulado nos bueiros e nas residências, causando grandes riscos devido à proliferação de doenças.

O lixo e esgotos a céu aberto fazem parte do cotidiano de muitas pessoas. Uma situação realmente delicada, pois essa poluição é igualmente perceptível em terrenos baldios, lagoas, áreas periféricas e residenciais, em efluentes do Rio do Peixe e riachos, inclusive, no riacho Olho d’água, de onde já se retirou água para abastecer postos da cidade. Isto é resultado de uma ocupação desenfreada e que vem trazendo grandes prejuízos à própria população. Este dado confirma o que Seabra (2007) declara ser a falta de relação entre o desenvolvimento urbano e a preservação do meio ambiente. Dessa forma,

Sem planejamento eficaz as cidades são marcadas pelas frequentes inundações fontes de águas estão contaminadas, pessoas contraem doenças, as áreas de risco multiplicam-se mais frequentemente, aumentando a suscetibilidade da população às catástrofes naturais. A perspectiva de associar desenvolvimento urbano com a preservação do meio ambiente é recente. Desde então, procurou-se priorizar as condições higiênicas da moradia, buscando um meio ambiente mais saudável. (SEABRA, 2007, p. 98)

O município de São João do Rio do Peixe, por estar inserido no sertão semiárido, apresenta vegetação típica do Bioma da Caatinga, com predominância de “[...] arbustiva-arbórea com espécies do tipo juazeiro (*Zizipus joazeiro*), jurema preta (*Mimosa nigra*), mandacaru (*Cereus jamacaru*) [...]”, dentre outras características, como bem descreveram, Cordeiro & Basílio (2011, p.55) sobre esse tipo de vegetação. O solo é do tipo raso e pedregoso, considerado pobre em matéria orgânica, mas rico em minerais, um território com altas temperaturas e escassez de chuvas que resultam em longos períodos de estiagem.

Cumprе ressaltar que tal região (semiárido do nordeste brasileiro) hoje sofre com a maior seca das últimas décadas. Com isso, muitas complicações sociais surgem por causa da falta de água, como a grande dificuldade que passam os agricultores, e os que vivem da criação de animais, uma situação de sofrimento para o sertão nordestino.

Em São João do Rio do Peixe a estiagem dura há quase dois anos. A população urbana, por exemplo, tem passado por grandes carências com a falta d’água, uma vez que o açude “Chupadouro”, que abastecia a todos, encontra-se totalmente seco há vários meses. Muitas pessoas vivem de rua em rua a suprir-se de água, isso porque há pontos de coleta nos quais a água é distribuída. O processo é simples; as caixas d’água localizadas em determinados pontos da cidade são abastecidas pelos carros-pipa. Outra fonte de água são os poços artesianos perfurados por diversos moradores.

Com isso, devemos sempre ter como fundamento uma efetiva relação socioambiental no processo de urbanização, para que a sociedade não sofra as consequências dos próprios atos, resultantes da forma mal planejada de apropriação do espaço urbano.

2.2 CONHECENDO A ESCOLA MUNICIPAL DR. JOSÉ DANTAS PINHEIRO

A Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Dr. José Dantas Pinheiro está localizada à Rua Tabelaio José Cândido Dantas, S/N – centro, criada pelo Decreto nº

955/2005 de 14 de junho de 2006. O local onde foi instituída a escola, antes correspondia à antiga e primeira sede da Prefeitura Municipal, edificada quando na Administração do senhor Dr. José Nilton Fernandes Dantas.

Na época a antiga sede administrativa da prefeitura foi transferida para um prédio que atendia as funções da Ação Social, localizada à Rua Vital de Negreiros. Com isso, o prédio da antes prefeitura municipal passou por um processo de demolição, a fim de que fosse construído um hospital municipal que atenderia à saúde do município, porém, este projeto nunca se efetivou.

No ano de 2004, durante a administração do então prefeito Dr. José Lavoisier Gomes Dantas, o Secretário Municipal de Educação da época, Nivaldo Amador de Sousa, visando o desempenho educacional, buscou oferecer metas que proporcionassem aos alunos do município um ensino de qualidade. Para tanto, utilizou-se do prédio, até então desativado, para a fundação de mais uma escola municipal, que deu início as suas atividades no ano de 2006.

A denominação da escola, Dr. José Dantas Pinheiro, surgiu de uma homenagem ao pai do prefeito na época, Dr. José Lavoisier Gomes Dantas, por sua volumosa contribuição nos mandatos em que outrora administrou a cidade de São João do Rio do Peixe. Diferentemente da grande maioria dos casos em que aos órgãos públicos são atribuídos nomes em homenagem a pessoas falecidas, nesta ocasião, a figura ilustre do Dr. José Dantas Pinheiro vive com seus 84 anos de idade.

A Escola oferta o Ensino Fundamental, hoje configurado em 09 (nove) anos. Recebe, pois, crianças a partir de 06 (seis) anos na série inicial (1º ano). Apesar de possuir uma estrutura física considerada um tanto quanto inadequada, é uma instituição de referência no município, mas isso se dá devido a uma ótima administração de um ponto de vista geral, como também à oferta de bons recursos tecnológicos e a um significativo número de profissionais do magistério que priorizam pela qualidade no ensino.

A referida escola é uma instituição relativamente grande, embora não proporcione todos os espaços físicos ainda necessários. É composta por treze salas de aula climatizadas e razoável iluminação; uma biblioteca; uma diretoria; uma secretaria; uma sala de professores; um laboratório de informática; uma sala de vídeo; uma cozinha; um pequeno refeitório; uma sala de recursos multifuncionais; seis depósitos; uma quadra de esportes coberta; seis banheiros, sendo dois deles adaptados para NEE'S, (Necessidades Educativas Especiais), dois para os demais alunos e outros dois para os professores; além disso, a

instituição possui um rol de entrada também adaptado aos de NEE'S. Abaixo (figura 3) apresenta-se uma visualização da parte frontal da escola.

Figura 3 - Fachada da Escola Dr. José Dantas Pinheiro



Fonte: ALVES, Marcus Felipe Gabriel, 2014

Sobre os profissionais da educação que atendem à comunidade nesta instituição, os mesmos somam cinquenta e um. Os trinta e três professores que nela atuam possuem formação nas suas respectivas áreas de atuação. Na área pedagógica são duas supervisoras, na equipe administrativa são uma gestora, dois gestores adjuntos, dois agentes administrativos e um bibliotecário. Nas outras áreas temos três vigilantes, quatro auxiliares de serviços gerais e oito merendeiras.

O corpo discente é composto por aproximadamente setecentos e trinta e um alunos, sendo cento e oitenta e cinco no primeiro segmento do Ensino Fundamental e cerca de quatrocentos no segundo segmento da mesma modalidade. Os alunos correspondem a uma faixa etária de quatro a dez anos no primeiro segmento, e de dez a vinte anos no segundo segmento, e são atendidos nos horários da manhã e da tarde respectivamente. A escola recebe estudantes tanto da zona rural, quanto da zona urbana.

Além de turmas do Ensino Fundamental, há a oferta de turmas da EJA (Educação de Jovens e Adultos), mas que funcionam somente no horário noturno. Os estudantes jovens e adultos possuem uma faixa etária de quinze a setenta anos, os quais somam cento e quarenta e seis. Há ainda três turmas com vinte e cinco alunos cada, os quais

correspondem ao programa do Governo Federal PRONATEC (Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego), que oferece cursos técnicos profissionalizantes.

A escola dispõe de alguns recursos didáticos que valem ser ressaltados, a saber: máquinas de computadores interligados à internet, DVD, TV, Data show, máquina para cópias documentais, mapas, globos, esqueleto humano, livros infanto-juvenis, revistas educativas e vários materiais de expediente.

Ao consultar os dados sobre a atualização pedagógica pôde-se verificar a existência do PPP (Projeto Político Pedagógico) datado no ano de 2014, porém, trata-se apenas de uma reformulação do mesmo documento elaborado no ano de 2010. Em leitura realizada deste Projeto, destacam-se as metas por ele apresentadas:

- ❖ Compromisso com a vida;
- ❖ Ação participativa na formação dos profissionais docentes;
- ❖ Desenvolvimento da cultura através da promoção da diversidade de eventos;
- ❖ Pautada com a disciplina, redução da evasão e reprovação escolar;
- ❖ Envolvimento da participação dos pais na escola;
- ❖ Motivação da leitura e da escrita de forma interdisciplinar.

A Escola tem como objetivo primordial ofertar um ensino gratuito de qualidade, para que possa promover um melhor desempenho no processo de ensino-aprendizagem, contemplando, assim, a disseminação cultural e o desenvolvimento de competências e habilidades que integralizam a formação do indivíduo em seu âmbito individual e social, ou seja, que conceda ao estudante o desenvolvimento de competências cognitivas e afetivas para o âmbito moral e social.

Nesta perspectiva, percebe-se a busca por um ensino que contemple a construção de uma escola cidadã e, assim, contribua para o desenvolvimento de uma sociedade melhor, mais solidária, democrática, justa e capaz de uma transformação social fundamentada no compromisso com a educação.

3 REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

Nos últimos anos o processo de ensino-aprendizagem de Geografia tem se tornado alvo de muitas críticas por parte de vários estudiosos, isso porque ainda se utiliza de métodos tradicionais e insuficientes ao aprendizado, haja vista a complexidade da realidade atual. Sobre este ponto, Medeiros & Cardoso (2009, p. 4) consideram, dentre outras coisas, que o ensino de Geografia passa por momentos delicados quando inseridos em determinados contextos escolares, por isso, um fator que deve ser discutido e ter toda a atenção dos preocupados com a educação, corresponde à metodologia adotada para o estudo desta matéria, um aspecto que, se mal planejado, pode acarretar grandes prejuízos à comunidade escolar.

3.1 A GEOGRAFIA ESCOLAR

Lembremos inicialmente o que Castrogiovanni (2007, p. 42) apud Pires (2012, p. 4) declara sobre a Geografia enquanto disciplina: “[...] muitos ainda acreditam que a Geografia é uma disciplina desinteressante e desinteressada, elemento de uma cultura que necessita da memória pra reter nomes de rios, regiões, países, altitudes, etc”. No mesmo seguimento, Cavalcanti faz apreciações pertinentes:

[...] as razões principais para não se gostar de Geografia podem ser analisadas a partir de dois pontos. Em primeiro lugar, há um descontentamento quanto ao modo de trabalhar a Geografia na escola. Em segundo, percebem-se dificuldades de compreender a utilidade dos conteúdos trabalhados. Esses dois pontos, embora estejam intimamente ligados ao ensino de Geografia, não focalizam propriamente o conteúdo da matéria ou o conhecimento geográfico enquanto tal. Ou seja, parece-me que “resolvidos” esses dois pontos é possível tornar o conteúdo geográfico trabalhado na escola mais significativo para o aluno (CAVALCANTI, 2003, p. 130).

Sabe-se que a escola, por fazer parte da sociedade, recebe os impactos causados pelas constantes mudanças que ocorrem em seu cerne, no entanto, essas mudanças, em inúmeros casos, não estão sendo devidamente refletidas na sala de aula, especialmente, no ensino de Geografia. O que ocorre, nesses contextos, é um acentuado desinteresse dos discentes pelo conhecimento geográfico, talvez em razão de, na maioria das vezes, não existir uma aplicabilidade voltada para o ensino dessa disciplina e, dessa forma, meios de

se de trabalhar com os alunos o desenvolvimento cognitivo nesta área do conhecimento. Assim, poder-se-ia, proporcionar-lhes uma grande significação, ou seja, fazer com que percebam a importância desse estudo para suas vidas. Pensando nisso, vejamos o que Pires (2012, p. 4) nos diz quando o mesmo tece reflexões acerca do ensino de Geografia:

Consoante a isso, pode-se dizer que a maneira pela qual estão sendo trabalhados os conteúdos geográficos, em sua grande maioria, apresenta-se distanciada da realidade do aluno. Isso pode contribuir para os alunos se sentirem desmotivados, levando-os a não enxergarem os propósitos da disciplina que poderiam fazer parte de sua vida aliando a teoria à prática, de acordo com sua realidade social.

Conforme Albuquerque (2011), os PCN's apontam que a memorização ainda tem sido uma prática constante, mesmo com as transformações que vem sendo exigidas para o trabalho com essa disciplina. É preciso avançar bastante para que as mudanças sejam de fato efetivadas no contexto escolar. Ressaltemos, pois, as reflexões trazidas no PCN, quando este aborda o trato com a disciplina de Geografia:

A memorização tem sido o exercício fundamental praticado no ensino de geografia, mesmos nas abordagens mais avançadas. Apesar das propostas de problematização, de estudos do meio e da forte ênfase que dá ao papel dos sujeitos sociais na construção do território e do espaço, o que se avalia ao final de cada estudo é se o aluno memorizou ou não os fenômenos e conceitos trabalhados e não aquilo que se pôde identificar e compreender das múltiplas relações aí existentes (PCN História e Geografia 1º e 2º ciclos, 2000, p. 108).

Os PCN's já reformularam seus conteúdos de forma a transformá-los em um saber construtivista, rompendo com as fórmulas velhas e ligando-se a práticas de ensino reflexivas que possibilitem a formação de pessoas que pensam por si próprias e deixem de lado os velhos conceitos. Tais considerações perfazem o pensamento de Ferreira et al (2011, p. 5).

Um dos problemas que o ensino de Geografia tem enfrentado é a maneira como está sendo desenvolvida sua metodologia, tornando-se cada vez mais uma prática mnemônica e repetitiva, que conduz o aluno à limitação pela caracterização de aspectos físicos e humanos de forma descritiva. Sobre isso, Brabant (1989, p.18-19) apud Oliveira (2006, p.11) afirma:

Discurso descritivo, até determinista, a Geografia na escola elimina, na sua forma constitutiva, toda preocupação de explicação. A primeira preocupação é descrever em lugar de explicar; inventariar em lugar de analisar e de interpretar. Essa característica é reforçada pelo enciclopedismo e avança no sentido de uma despolitização total.

O professor deve ficar atento a sua prática de ensino, buscando o constante aperfeiçoamento, haja vista às novas demandas da sociedade e que, conseqüentemente, devem influenciar positivamente na escola. Sobre isso, Medeiros & Cardoso (2009, p. 7) concordam que “Refletir sobre o ensino da Geografia, partindo da consciência da época em que vivemos, significa pensar também o(a) aluno(a) que está em sala de aula como sujeito desse contexto histórico-cultural complexo e dinâmico”.

Para que isso seja possível, faz-se necessário que este ensino volte-se para a formação cidadã do sujeito-aluno, transformando os métodos já existentes em formas inovadoras e construtivas do saber humano. Sendo assim, o aluno só tem a ganhar, pois será inserido em um contexto de estudo preocupado com a sua vida, o seu cotidiano e em benefício da sociedade.

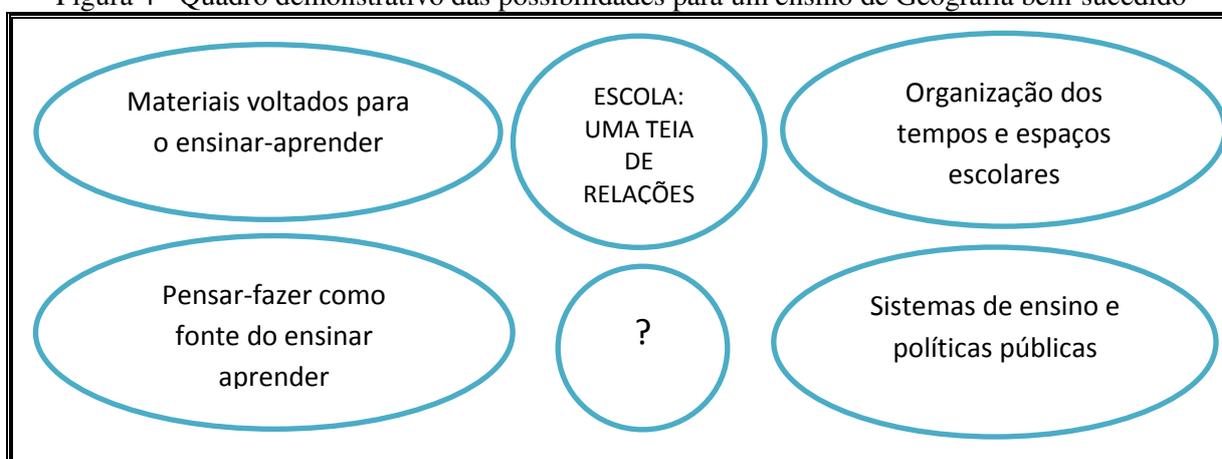
A prática cotidiana dos alunos é desse modo, plena de espacialidade e de conhecimento dessa espacialidade. Cabe à escola trabalhar com esse conhecimento nos seus espaços, discutindo e ampliando, alterando, com isso, a qualidade das práticas dos alunos, no sentido de uma prática reflexiva e crítica. (CAVALCANTI, 2002, p. 33)

É fato que a Geografia tem evoluído nos últimos anos, enquanto isso novos conceitos e práticas metodológicas são formulados para a aplicação do ensino desta ciência. Nesta perspectiva, Cavalcanti (2002, p. 35) confirma que o propósito desse tipo de estudo deve ser a de desenvolver uma participação autônoma do aluno, a partir de um raciocínio fundamentado em conceitos básicos e relevantes para um melhor aprendizado sobre o espaço geográfico.

Desse modo, reiteramos que as preocupações, aqui tão enfatizadas, direcionadas à metodologia utilizada pelos profissionais em sala de aula, no que diz respeito ao ensino de Geografia, na verdade, não são recentes. Um dado que pode ser confirmado através das palavras de Kaercher (1997, p. 74) apud Cavalcanti (2002, p. 34) ao declarar que estudar Geografia “[...] não é só o que está no livro ou que o professor fala. Você a faz diariamente. Ao vir para a escola a pé, de carro ou de ônibus, por exemplo você mapeou, na sua cabeça, o trajeto. Em outras palavras o homem faz Geografia desde sempre”.

Sendo assim, é importante voltarmos a refletir sobre as verdadeiras metas e os objetivos da escola frente à educação e, dessa maneira, repensarmos o real papel dessa instituição na sociedade. Sobre isso, Kimura (2011, p. 70) diz: “[...] o ensinar aprender acontece em vários espaços educativos. Porém, é na escola que ele encontra o seu lugar por excelência. O ensinar aprender é, mesmo, a identidade socialmente instituída da escola”. Vejamos, em seguida, um gráfico (figura 4) elaborado pela estudiosa supracitada e pelo qual podemos compreender, segundo sua visão, quais os meios e as ações que podem levar o ensino de Geografia ao sucesso, em se tratando de todos os aspectos da escola e da educação.

Figura 4 - Quadro demonstrativo das possibilidades para um ensino de Geografia bem-sucedido



Fonte: KIMURA, 2011, p. 17

É sabido que a escola possui um papel importante nessa teia de relações, já que há muito deixou de ser vista como apenas uma fábrica de produzir trabalhadores capacitados tão somente para a reprodução de ações. A escola deve ser sempre vista como um local de construção de conhecimentos, e preocupada também com a atividade cidadã, como bem destacou Giroux (1986, p. 261) apud Oliveira (2006, p.16):

[...] Cabe a escola preocupada em educar para a cidadania conseguir transformar esta ação muitas vezes isolada dos procedimentos habituais em uma força e ação ampliada para uma forma de resistência mais politizada. Esta consciência social representa o primeiro passo para que os estudantes atuem como cidadãos engajados, dispostos a questionar e confrontar a base estrutural e a natureza da ordem social.

Por outro lado faz-se necessário investigar o que a população espera da escola. Muitos, talvez, possam imaginar que alunos e professores agem em função da reprodução

de atividades mecânicas que solucionam problemas virtuais. Outros podem imaginar que esses sujeitos passam, muitas vezes, por barreiras e momentos difíceis que a escola ajuda a amenizar ou ainda alegrar quando conseguem, nesse ambiente, alcançar diversos objetivos em busca da construção de seus futuros, conforme o pensamento de Kimura (2011, p.70). Partindo desse entendimento, Cavalcanti (2002, p. 46) faz as seguintes postulações:

A escola e a Geografia Escolar precisam se empenhar em formar alunos com capacidade para pensar cientificamente e para assumir atitudes ético-valorativas dirigidas a valores humanos fundamentais como a justiça, a solidariedade, o reconhecimento da diferença, o respeito à vida, ao ambiente, aos lugares, à cidade.

Assim sendo, podemos perceber os desafios que a ciência geográfica tem enfrentado durante o seu crescimento como uma das principais disciplinas da grade escolar. Faz-se, pois, urgente romper-se com as barreiras que impedem a construção de um conhecimento geográfico pertinente ao contexto social dos alunos. Consoante Marasca (2013, p.21) “[...] um ensino de geografia contextualizado deve partir da realidade sócioespacial do aluno e deve ser realizado desde os anos iniciais do ensino fundamental”. A escola realmente é e deve ser um lugar especial às pessoas que pretendem crescer intelectualmente e humanamente, vivendo em conformidade com o ser cidadão. Para tanto, esse tipo de educação deve ter como meta construir um aprendizado capaz de fazer ver, reler e compreender os espaços sociais e, desse modo, estabelecer uma interação e formulação de ideias, conceitos e propostas voltados ao desenvolvimento de um mundo melhor e mais justo.

Neste âmbito, a Geografia é uma disciplina que pode ser enquadrada perfeitamente em um aprendizado produtivo, uma vez que o conhecimento geográfico torna-se indispensável à produção de várias áreas do conhecimento, e contribuir para a formação da cidadania, já que se trata de uma ciência que reflete as diversas questões sociais, estando, portanto, a serviço da humanidade.

3.2 EDUCAÇÃO E ENSINO: ALGUMAS IMPLICAÇÕES AO PROCESSO DE APRENDIZAGEM

É incontestável o papel da educação na construção do saber dos sujeitos que dela precisam. Isso porque nela tais indivíduos encontram marcas identitárias da sua cultura e

sociedade, fato este que possibilita a formação da sua própria identidade; um aprendizado verdadeiramente significativo. Mas, para esse contexto vir a ser um ambiente de conquistas, o docente não pode perder o gosto pelo exercício de sua profissão. A vontade de fazer diferente pode fazer a diferença que se espera diante das dificuldades. Um docente motivado é uma porta aberta à criatividade e à capacidade de realizar práticas inovadoras,

Diante de tudo isso, o professor passa a ser peça-chave para um aprendizado significativo. Consideramos inadmissível que um profissional da educação insista em uma prática fadada ao regresso, trabalhando com um ensino voltado, tão somente, a um conhecimento adquirido na sua formação que, para muitos, se deu há anos. Ser professor é refletir a todo instante a própria prática. Pensando assim, concordamos com Oliveira (2004, p.217) quando afirma que:

O binômio ensino/aprendizagem apresenta duas faces de uma mesma moeda. É inseparável. Uma é a causa e a outra, a consequência. E vice-versa. Isso porque o ensino/aprendizagem é um processo, implica movimento, atividade, dinamismo; é um ir e um vir continuamente. Ensina-se aprendendo e aprende-se ensinando.

Novas teorias e conceitos são formados ou reformulados, por isso o professor deve ser um constante pesquisador para remover os entraves que impedem as melhorias e, atendendo, assim, às novas demandas, sempre buscando o aperfeiçoamento de sua prática docente. Straforini (2001, p.7) destaca que “[...] se a Educação pretende ser transformadora, tem que dar conta do presente. Para tanto, o seu corpo teórico, conceitual e metodológico não pode ser o que foi elaborado para explicar períodos passados”.

Para o mesmo autor faz-se necessário buscar as bases que explicam o presente e articulá-las no processo de ensino-aprendizagem, a partir de uma visão de mundo que dê sentido à sociedade e, relacionando, portanto, presente, passado e futuro (STRAFORINI, 2001, p.7).

Conforme já citamos, as dificuldades encontradas pelos professores são bem maiores nos dias de hoje. Os alunos aparentam estarem ainda mais desmotivados e, com isso, apresentam pontos delicados em assuntos considerados simples quanto aos conteúdos geográficos. Pensando assim, pergunta-se: como está sendo direcionado o conteúdo geográfico para os alunos? e/ou Como está sendo utilizada a prática pedagógica em sala de aula? Perante tais indagações, Kaercher (2004, p.221) reflete:

Será que está havendo realmente uma renovação para melhor, com mais qualidade técnica, com maior densidade política e ética do ensino da Geografia nas escolas do ensino fundamental e médio? Ou será que, em geral, ainda predominam aulas meramente informativas, desvinculadas da realidade dos alunos, portanto desinteressantes?

Cumprido ressaltar que o professor deve buscar boas vivências em sala de aula, procurando manter uma relação saudável com seus alunos, como também com o novo conhecimento e as novas metodologias de ensino, na intenção de não ficar ancorado em algo que pode até estar dando certo, na sua concepção, mas que pode estar sendo insuficiente para um efetivo aprendizado do aluno. Em conformidade com essas postulações, Kaercher (2004, p.222) considera ser preciso uma mudança metodológica voltada ao uma relação professor-aluno que priorize o diálogo, não somente entre esses sujeitos, mas também com o próprio conhecimento.

A escola deve acompanhar as constantes transformações do espaço geográfico no qual está inserida e, para isso ser possível, o professor deve assumir a pesquisa como uma ação constante, necessária para que o mesmo perceba as mudanças que acontecem externamente em benefício de sua ação pedagógica. Com base nisso, Castrogiovanni afirma que:

A complexidade na qual se apresenta o espaço geográfico e, portanto, a escola, pois esta faz parte do todo que é o espaço, temos como verdade, mesmo que provisoriamente, a necessidade de uma educação “interacionista” com um currículo integrativo, implicando o professor transformar o seu fazer diário em constante pesquisa-ação (CASTROGIOVANNI, 2014, p.176).

É bem verdade que ensinar Geografia não é uma tarefa fácil, já que se trata de uma ciência em movimento, seja na sua vertente física, seja na humana, fato este que acaba por forçar o professor a uma excessiva dedicação na busca por um aprendizado significativo para os discentes. Nesse pensamento, Kaercher (2004, p.224) enfatiza que “Entre os professores de Geografia os licenciados nesta disciplina demoram para perceber que para serem bons professores não basta... saber Geografia (e muitos formandos sabem pouco). É preciso saber ensiná-la. O que não é nada simples”.

Ainda existem professores apegados a uma prática de ensino atrasada, mas que pensam estar sempre atualizados quanto aos métodos por estes utilizados e, por isso, aprisionam os alunos a um aprendizado sem valor real. Segundo Oliveira, (2006, p.14)

“Entendemos que educar é não se limitar a repassar informações ou mostrar apenas um caminho, aquele que o professor considera mais correto, mas é ajudar a pessoa a tomar consciência de si mesma, dos outros e da sociedade”.

Percebe-se, com isso, que professor e aluno precisam ter o máximo de disponibilidade e dedicação possível. Sobre este fator, Felício & Oliveira (2008, p. 220) declaram: “O empenho e o esforço dos protagonistas – professor e aluno – são fundamentais para o desenvolvimento do processo de ensino e de aprendizagem, do qual o professor se coloca enquanto mediador na construção de conhecimentos”.

Aprender e ensinar constituem duas atividades muito próximas da experiência de qualquer ser humano: aprendemos quando introduzimos alterações na nossa forma de pensar e agir, e ensinamos quando partilhamos com o outro, ou em grupo, a nossa experiência e os saberes que vamos acumulando. (SOUSA, 2005, p. 35)

Faz-se necessário relembrar e refletir a afirmativa de Rezende & Pires (2009, p. 2), quando destacam que já foram estabelecidas e formuladas algumas leis e fundamentos para que os conteúdos geográficos sirvam como meio para os discentes desenvolverem suas habilidades, possibilitando-lhes desenvolver e desfrutar de bens culturais, sociais e econômicos. Entretanto, o que se percebe é que as propostas para um novo ensino-aprendizagem ainda não conseguiram atingir suas metas, portanto, ainda existem aulas de geografia que não provocam nenhum interesse nos alunos, que, muitas vezes, buscam apenas uma nota mínima para a sua aprovação.

A falta de interesse do aluno em sala de aula tem sido motivo de reflexões de muitos professores. Algumas críticas têm sido feitas por educadores e pesquisadores de um modo geral, responsabilizando a forma como são trabalhados os conteúdos em sala de aula e, fundamentalmente, centram-se no distanciamento desses conteúdos da vida dos estudantes. Esses conteúdos, muitas vezes, estão dissociados da realidade dos alunos, por não contemplarem suas experiências pessoais e nem fazer sentido algum em suas vidas. (REZENDE & PIRES, 2009, p. 2).

Tendo como base tais concepções, o que se tem é um ensino de Geografia distante das novas ideias e fundamentos curriculares. O elemento propulsor da mudança que se espera ter corresponde, certamente, à figura do professor, pois por ele os alunos podem encontrar a motivação tão desejada para o seu próprio aprendizado que, dessa vez, tem a possibilidade de estar diretamente relacionado ao seu cotidiano. Assim sendo, o

conhecimento geográfico deixa de ser um aprendizado forçado à memorização e passa a ser algo ressignificado.

3.3 O ENSINO DE GEOGRAFIA E O LIVRO DIDÁTICO

Os recursos didáticos são de suma importância na aplicação dos conteúdos de Geografia, desde que usados de modo adequado. Tais recursos facilitam bastante a construção desse tipo de saber. Em se tratando das ferramentas didáticas para o uso em sala de aula, Sato & Fornel (2011, p. 55) comentam:

Sabemos da importância dos recursos didáticos adequados pra dar suporte as aulas de Geografia [...]. É através dele que o professor pode facilitar o processo de ensino e aprendizagem, aproximando teoria e prática, possibilitando a visão da realidade aos alunos em idade de pensamento concreto.

Diante do exposto, verificam-se as oportunidades criadas aos alunos, haja vista a eles ser possibilitada uma visão mais ampla e compreensiva do conteúdo a ser trabalhado pelo professor. Temos, portanto, um elemento importante, pois pode provocar no alunado maior curiosidade pela ciência geográfica, reflete Ramos (2012, p. 20). Corroborando com esse entendimento, Sant'anna & Menzolla (2002, p. 35) abordam que o ensino nessas circunstâncias “[...] fundamenta-se na estimulação que é fornecida por recursos didáticos que facilitam a aprendizagem. Esses meios despertam o interesse e provoca a discussão e debates, desencadeando perguntas e gerando ideias”.

Todavia, um professor criativo não pode ver os recursos de que dispõe, a exemplo do livro didático, como sendo, por si só, um elemento suficientemente capaz de abarcar as necessidades suas e de seus alunos.

O recurso didático, por sua vez, não tem a capacidade de garantir inteiramente a aprendizagem do aluno, mas desperta nesse um interesse maior na aula, pois oferece ao educando a oportunidade de trabalhar com elementos que o permitam ser protagonista na construção do conhecimento (SILVA & MUNIZ, 2012, p.65).

Nesse contexto, ora configurado, o docente precisa tomar para si a consciência de que ele próprio corresponde a uma ferramenta de pesquisa variada e que não pode se contentar apenas com um recurso ou outro, mas sim entender que pode e deve buscar

sempre por outros meios que melhor fundamentem e colaborem na educação de seus alunos, ajudando-lhes a desenvolver um pensamento crítico, social e consciente de seus papéis. (SILVA & MUNIZ, 2012, p. 65).

Com base nessas reflexões, enfatiza-se, neste momento, um dos recursos que todo professor tem (ou deveria ter) em sala de aula, o livro didático. Uma ferramenta muito importante e indispensável para o ensino de Geografia, conforme tratam Souza & Molinari (2013, p.93). Os mesmos consideram ser o livro didático o primeiro recurso para a aprendizagem, pois revelam ao discente as concepções teóricas geográficas, alargam sua percepção e, posteriormente, a interpretação dos conteúdos, o que promove uma boa sustentação ao utilizar, na prática, suas experiências em sociedade. Aires (2011), por sua vez, corrobora com a ideia de que

O uso do livro didático como meio de facilitar a aprendizagem proporciona assim um diálogo entre o aluno e o conhecimento, conforme a vivência de experiências ou situações pedagógicas que são propostas pelo professor em sala de aula através do seu método de ensino. (AIRES, 2011, p.80)

Apesar de tantos benefícios, vale destacar que os livros didáticos de Geografia têm sido alvo de críticas nos últimos anos por parte de muitos professores universitários, uma vez que, segundo esses profissionais, não contemplam os novos paradigmas formulados pelas atuais reformas curriculares, além de manterem as metodologias de ensino tradicionalistas, como afirma Boligian (2008, p.836):

Após a última grande reforma curricular brasileira, ocorrida na década de 1990, desenvolveu-se no campo da Geografia uma forte crítica por parte de membros da academia, de que as mudanças exigidas não teriam ocorrido a contento no que se refere aos currículos estaduais e municipais e, sobretudo, nos livros didáticos, os quais ainda reproduziriam conteúdos e métodos de ensino tradicionais, influenciando diretamente nas práticas docentes em sala de aula.

Partindo desse ponto de vista, percebe-se que o livro didático continua sendo utilizado nas aulas de Geografia como recurso único, fato este que acaba por atribuir às aulas um caráter meramente mnemônico e cansativo, ou seja, reduzindo a nada o significado desse aprendizado à vida do estudante e aumentando cada vez mais o desinteresse pelo dado conhecimento. Boligian (2008, p.836), ao escrever sobre o que ele tratou como sendo uma “crise do ensino escolar de Geografia”, explica que tal fator estaria

assentado “[...] em grande parte, no tipo de conhecimento geográfico transmitido pelos livros, na maioria das vezes, um conhecimento obsoleto, pois descritivo, positivista e pretensamente neutro”.

Concorda-se que o livro didático é um recurso indispensável ao professor e ao aluno, mas desde que sua utilização seja feita de modo consciente e moderado. Devemos entendê-lo como uma ferramenta propulsora e motivadora juntos a outros meios que nos façam refletir sobre as contradições e complexidades da sociedade em que vivemos. Por outro lado, ao que parece, esse recurso didático tem se tornado insuficiente para suprir o aprendizado diante das novas exigências da sociedade.

As Orientações Curriculares para o Ensino Médio (OCEM, 2006, p.213)¹ postulam que:

Não é possível imaginar que a organização de conteúdos proposta pelo livro didático seja adequada a todas as circunstâncias de trabalho pedagógico. O que o professor pode e deve fazer é utilizar do livro didático aquilo que considera mais adequado, complementando-o com outros recursos, explorando diferentes linguagens, realizando atividades como estudo do meio, orientando pesquisas mais pertinentes, de acordo com os conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais.

No que se refere à concepção de Souza & Molinari (2013, p.93), o professor apoiado ao livro didático pode ter o suporte que precisa para comparar percepções teóricas e práticas que seus alunos presenciam no seu cotidiano. Os mesmos estudiosos avaliam que

O conhecimento adquirido por meio dos livros didáticos, aliado às inovações de métodos de trabalho que o professor utilize tornarão as aulas prazerosas e criativas, e elas provocarão uma produção de conhecimento cada vez mais amplo e diversificado (SOUZA & MOLINARI, 2013, p.93).

O professor ao escolher um dado livro didático destinado à escola, muitas vezes usado por anos, deve analisar se o livro possui um conjunto de características adequadas que, aliadas a uma metodologia qualificada, possam proporcionar um aprendizado sólido e dinâmico. No que tange à função do livro didático, Molina (1987, p.24) apud Aires (2011, p.80) faz algumas ponderações:

¹ BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Orientações curriculares para o ensino médio**. Ciências humanas e suas tecnologias. Brasília: MEC/SEB, v. 3, 2006.

Em relação à avaliação de livro didático Molina (1987) afirma que, quando se avalia a forma e o conteúdo de uma obra didática identifica-se o conjunto das visões de mundo que são ensinadas. O formato do livro engloba título, índice, prefácio, glossário, bibliografia, identificação de autores e o aperfeiçoamento físico da capa, impressão, encadernação, marginação, ilustração, papel, espaçamento de caracteres e linguagem. Já os conteúdos são informativos, explicados a cada unidade didática e transmitem a visão geral de educação de quem os elaborou. A abordagem dos assuntos ocorre mediante o planejamento pedagógico da geografia para a respectiva série escolar.

Por fim, esse recurso pode ser visto como uma ferramenta eficaz à construção do conhecimento geográfico, tendo em vista ter o objetivo de direcionar o estudo a uma compreensão detalhada dos espaços político, econômico e social no cotidiano. No entanto, ressalta-se que, para isso acontecer, o professor precisa sentir-se motivado a conhecer outras formas de uso desse recurso; formas corretas, adequadas e alternadas ao uso de outros meios que não apenas o livro didático e, assim, o momento em sala de aula pode tornar-se mais dinâmico. Por isso, o docente não pode apegar-se ao livro como único recurso, idealizando encontrar nele todo o saber exato e concreto, pois o mesmo é passivo de mudança conforme a evolução da sociedade com suas ideologias e culturas.

Tais reflexões tem como cerne a compreensão do livro didático como um instrumento dentre outros possíveis ao processo de construção do conhecimento, e que resulta de métodos bem pensados e capazes de estabelecer uma prática docente voltada a orientações e aos meios de produção e reprodução de atividades relacionadas ao contexto social a que pertencem os alunos.

3.4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia teve com propósito estudar as realidades do processo ensino-aprendizagem da disciplina Geografia na Escola Municipal Dr. José Dantas Pinheiro nas turmas dos 7º Ano. Nesta perspectiva teve-se como desafio estabelecer um diálogo com professores e alunos das referidas turmas, através da pesquisa presencial e documental, se utilizando da aplicação de entrevistas e questionários, observação em lócus em sala de aula e no ambiente escolar. A partir disto apresentaram-se os dados colhidos através de gráficos estatísticos, imagens e quadros entre outros questionamentos pertinentes ao cotidiano do professor e aluno buscando perceber o desenvolvimento de práticas pedagógicas e metodologias de ensino adotadas no processo de ensino-aprendizagem dessa disciplina.

4 ENSINO-APRENDIZAGEM DE GEOGRAFIA: UMA CONVERSA COM PROFESSORES E ALUNOS DE 7º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL DA ESCOLA MUNICIPAL DR. JOSÉ DANTAS PINHEIRO

A etapa mais significativa de toda a pesquisa se deu no contato com os sujeitos pertencentes à Escola Municipal Dr. José Dantas Pinheiro, da cidade de São João do Rio do Peixe, Paraíba, pois, através deles, foi possível reavaliar a teoria e repensar determinadas práticas existentes entre os profissionais e a maneira como alunos encaram esse estudo. Esse contato mais próximo deveu-se aos diálogos das entrevistas e aos questionários que carregavam consigo as indagações tão presentes e pertinentes ao exercício dessa disciplina, no que se refere ao trabalho realizado pelos professores em relação aos alunos pertencentes às turmas de 7º ano.

O período de execução desta etapa se deu entre 18 de novembro e 09 de dezembro de 2014 e, neste percurso, a proximidade com os ambientes e as pessoas proporcionaram grandes saberes ao que até então havia sido encontrado apenas em livros. Assistir às aulas de Geografia no dado contexto escolar, como também ouvir/ler as impressões, certezas, dúvidas e reflexões dos sujeitos a ele pertencentes, proporcionaram contribuições grandiosas à formação do ser professor e pesquisador deste trabalho.

4.1 SOB A ÓTICA DOS PROFESSORES

Neste momento, pretende-se apresentar o olhar do professor diante de sua prática docente. Para tanto, foram entrevistados dois professores, os quais lecionam a disciplina há mais de cinco anos e que prontamente se dispuseram a colaborar com esta pesquisa. Como forma de resguardar suas devidas identidades, os docentes passarão a ser chamados de Professor A e Professor B.

A entrevista possibilitou o conhecimento de quais, onde e como foram suas formações acadêmicas. Além disso, e, principalmente, coletar dados a respeito das metodologias utilizadas por esses professores no trato com a matéria em sala de aula e, com isso, relacionar aos possíveis desafios e dificuldades encontrados ao longo da jornada.

No que tange à formação acadêmica, os dois professores possuem licenciatura em Geografia pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e pertencem ao quadro de funcionários efetivos do município de São João do Rio do Peixe-PB.

Ambos, ao serem indagados sobre como se sentem em relação ao ensino-aprendizagem de Geografia no cotidiano, afirmaram estarem insatisfeitos. Sobre os principais problemas e dificuldades possivelmente enfrentados com os alunos do 7º ano o professor A, por exemplo, afirmou que sua maior barreira é a falta de motivação e de interesse dos seus alunos. O professor B, por sua vez, destacou que a falta de leitura corresponde a uma grande dificuldade, uma vez que muitos alunos são repetentes e, hoje, fazem parte do quadro de distorção idade/série, algo bastante preocupante para os professores.

Sobre este aspecto, vejamos o que nos diz Moura (2012, p.4):

Na teoria, existe em todo o Brasil, uma grande quantidade de professores capazes de ensinar de forma satisfatória as crianças e os jovens da nossa sociedade, no entanto, na prática, muito menos que a metade de nossos jovens não conseguem chegar a fazer um curso universitário. Será deficiência do sistema educacional do país? Desqualificação dos nossos professores? Ou a falta de interesse dos nossos jovens em estudar e aprender?

Um fator relevante, e relatado igualmente pelos professores, está na estrutura familiar desses adolescentes que, na verdade, encontra-se um tanto quanto sem rumo. A família é um dos pontos cruciais e que interferem diretamente no processo de aprendizagem dos alunos. Portanto, quando a sua família vai mal, o aluno, provavelmente, também assim estará na sala de aula. Os dois professores, sujeitos de nossa pesquisa, desabafaram sobre esse aspecto, uma vez que, para eles, os pais desses jovens deveriam ser mais interessados e participativos na escola, buscando melhorias para o desempenho dos filhos.

A escola, na intenção de minimizar tais dificuldades, propõe a realização de reuniões frequentes com as famílias e/ou responsáveis pelos alunos. Os professores relataram que procuram proporcionar uma maior dinamização nas aulas de Geografia para que, assim, os alunos possam ser motivados ao aprendizado, que surge com o hábito da leitura, colocado, por eles, como uma necessidade urgente.

Quando perguntado sobre os recursos didáticos utilizados em benefício das aulas, o Professor A destacou que faz uso do livro didático, de documentários, vídeos, jornais e de revistas para, com isso, tornar as aulas mais atrativas e prazerosas aos alunos, segundo ele. O Professor B fez as mesmas considerações, mas complementou dizendo que faz uso

de textos complementares e de dinâmicas que proporcionem um aprendizado mais significativo.

A partir dos relatos até então expostos, faz-se importante voltarmos às reflexões sobre a necessidade de os professores utilizarem recursos pedagógicos que motivem o estudo e a participação devida dos alunos nas aulas. Dessa forma, pode-se contribuir com informações úteis a sua vida pessoal e cidadã. Pensando assim, os PCN's (1998, p. 141-142) declaram que:

As tecnologias de comunicação permitem que os alunos tenham acesso a informações por meio de textos e imagens (fundamentais para conhecer o espaço geográfico, as diferentes paisagens e as transformações no decorrer do tempo) e também problematizar algumas relações com diferentes sistemas de representação espacial, forma de organização social, noções de distância e pontos de referência, processos de transformações, papel das ações humanas nas transformações do espaço.

É fato que o ensino deve aperfeiçoar-se a cada dia e acompanhar as novas modalidades e exigências vigentes. Em se tratando dessa constante, aos professores foi questionado a respeito de suas perspectivas em relação ao surgimento das várias demandas que o ensino de Geografia tem se deparado nos últimos anos. Em resposta, o Professor A afirmou que essas modalidades proporcionam grandes desafios na busca por construir novos conceitos e aperfeiçoar as metodologias de ensino. O outro (professor B) considerou que o processo de ensino deve acompanhar as mudanças nas ordens social, econômica e cultural existentes na sociedade, tendo em vista a necessidade que os currículos também têm de se adequarem a essa nova realidade. Hirota (2008, p.42), em discussão sobre o assunto, aponta que:

A Geografia estuda o mundo, e este tem processado uma evolução muito rápida, ou seja, transforma-se velozmente, e então, o ensino da Geografia não evolui também rapidamente já que estuda o mundo não é? O ensino da Geografia procura também contribuir para a formação do cidadão, assim, deve-se também mudar o ensino e a própria escola.

Cumpramos ressaltar que ambos entrevistados relataram ser a estrutura física da escola a que pertencem um grande obstáculo enfrentado no desempenho de suas funções, uma vez que suas instalações são consideradas ainda inadequadas, tanto para professores quanto para alunos, os quais, muitas vezes, passam por certos constrangimentos. Como consequência, o processo de ensino-aprendizagem é prejudicado. Além disso, conforme

seus relatos, outros prejuízos surgem: as desistências e as transferências de alunos para outras escolas melhor estruturadas.

Quando indagados sobre os recursos pedagógicos foi dada ênfase, neste momento, à opinião desses profissionais quanto ao livro didático. Em se tratando deste item os relatos do Professor A confirmam que tal recurso é o único material impresso ao alcance na escola, e utilizado por ele como fonte de leitura e interpretação dos conteúdos. Para “B” o livro didático é um guia, entretanto, os conteúdos são complementados com outros textos, destacando ainda que o livro adotado atualmente pela escola possui uma linguagem bem elementar, adequando-se, pois, à realidade local.

Nos momentos finais do contato direto com os professores foram a eles solicitadas algumas sugestões para o ensino e as suas perspectivas em relação ao futuro da disciplina. O Professor A diz que pretende trabalhar a criticidade e a cidadania de seus alunos, buscando motivá-los a uma maior participação na sociedade. O mesmo concluiu considerando que o docente precisa estar sempre preparado e atualizado para, assim, atuar diante das diferentes demandas que surgem na escola e, dessa maneira, sentir-se capacitado para utilizar as novas tecnologias em nome do melhor desenvolvimento do ensino-aprendizagem.

Para “B” o ensino de Geografia, no contexto local, ainda está distante da sua real função. Apesar do esforço dos educadores em praticar com êxito o ensino da disciplina geográfica, são percebidas muitas lacunas no processo de ensino-aprendizagem dessa matéria. Como tentativa de erradicar ou ao menos minimizar essa realidade, segundo o professor B, seria importante uma reestruturação de ordem metodológica, para que o momento em sala de aula pudesse ter práticas mais atrativas e, portanto, eficazes.

4.2 SOB A ÓTICA DOS ALUNOS

Para esta etapa, igualmente importante a anterior, foram elaboradas e realizadas dez perguntas aos alunos. Para tanto, foram distribuídos questionários direcionados a três turmas do 7º ano (C, D e E), uma correspondente ao horário matutino e duas ao vespertino, respectivamente, e pertencentes à Escola Municipal Dr. José Dantas Pinheiro, já devidamente situada em outra deste trabalho.

A partir dos dados coletados e para proporcionar uma melhor compreensão e organização dessas informações, foram elaborados gráficos estatísticos que resumem as apreciações feitas por esses alunos.

A primeira turma com a qual foi estabelecida o contato foram os alunos do 7º ano (C), regido pelo Professor A. Esta turma comporta quinze alunos com faixa etária de 13 a 17 anos, sendo que a maior parte pertence à zona rural. As turmas (D) e (E), posteriormente solicitadas, comportam, respectivamente, treze alunos com faixa etária de 12 a 22 anos, e dez alunos com faixa etária de 12 a 17 anos. Assim como observado na primeira turma descrita, a maioria dos estudantes dessas duas últimas classes é da zona rural. As três salas contabilizam trinta e oito alunos, destes, apenas dezenove dispuseram-se a responder ao questionário, sendo que, desse número, alguns ainda não participaram.

Como primeiro momento desse contato, a primeira indagação foi com relação ao sentimento que os alunos têm para com a disciplina. Dos entrevistados, todos relataram gostar da matéria. Fato este que corrobora com a concepção de que a Geografia pode ser eficaz e útil à compreensão do meio em vivem e de suas transformações ao longo dos séculos. Neste âmbito, segundo Rezende & Pires (2009, p. 9), é “[...] importante que as ações dos professores voltem-se para tentar mudar a imagem construída sobre a Geografia, de modo a obter dos alunos atitudes positivas em relação ao ensino dessa disciplina”.

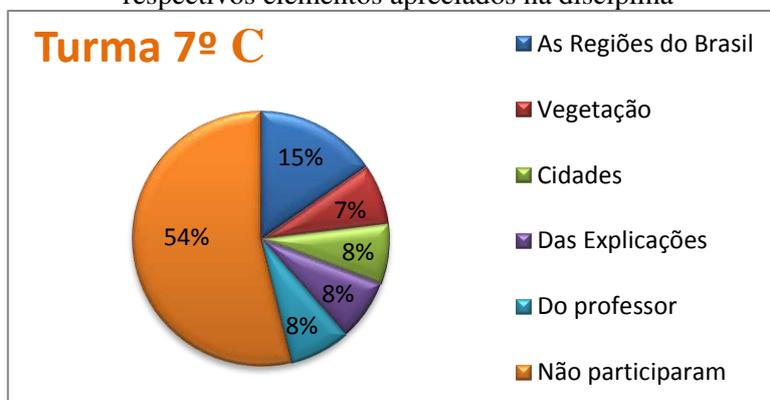
Quando perguntados sobre as suas opiniões quanto à importância dos conteúdos de Geografia para suas vidas, de modo geral, as turmas afirmaram que os conteúdos geográficos são, para eles, de suma importância, pois ajudam a conhecer o espaço e suas transformações. Vale destacar que uma parte desses alunos ainda destacou que, futuramente, irá precisar desse tipo de conhecimento em suas vidas.

Para uma melhor compreensão e organização na apresentação dos dados obtidos no contato com os alunos e, conforme já descrito, foram elaborados alguns gráficos que, por sua vez, demonstram de forma numérica a satisfação dos alunos em relação a elementos como a disciplina, os conteúdos mais apreciados por eles, a aceitação com a forma de trabalho do professor, entre outros dados considerados relevantes como, por exemplo, o número de alunos que não participaram das entrevistas. A seguir, a apresentação dos referidos gráficos (1, 2 e 3)² que quantificam as opiniões/apreciações dos

² Os dados apresentados nos gráficos (1, 2 e 3) correspondem a aspectos citados de modo espontâneo pelos próprios alunos, quando perguntados sobre o que gostavam na disciplina de Geografia.

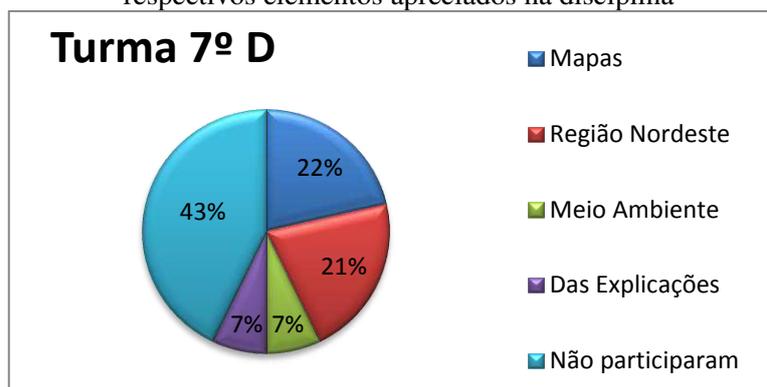
alunos, as quais, como pode-se observar, foram as mais variadas. Assim estão representadas tais informações e respectivas turmas:

Gráfico 1 - 7º ano (C): Quantificação dos alunos e respectivos elementos apreciados na disciplina



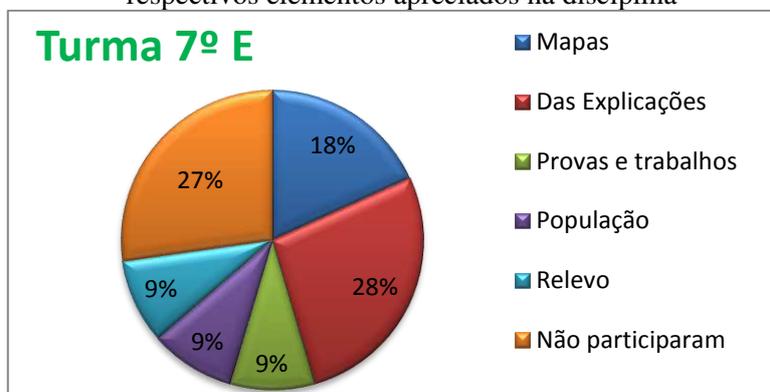
Fonte: ALVES, Marcus Felipe Gabriel, 2014

Gráfico 2 - 7º ano (D): Quantificação dos alunos e respectivos elementos apreciados na disciplina



Fonte: ALVES, Marcus Felipe Gabriel, 2014

Gráfico 3 - 7º ano (E): Quantificação dos alunos e respectivos elementos apreciados na disciplina



Fonte: ALVES, Marcus Felipe Gabriel, 2014

Como visto, quando incitados a comentarem sobre o que gostavam na disciplina, disseram apreciar os conteúdos que tratavam das regiões do Brasil, das cidades, da população, além de assuntos relacionados ao meio ambiente, ao desmatamento, ao aquecimento global, e ainda dos mapas e dos elementos como relevo e rochas apresentados pelo livro. Alguns alunos também relataram gostar da metodologia utilizada pelo professor em sala de aula.

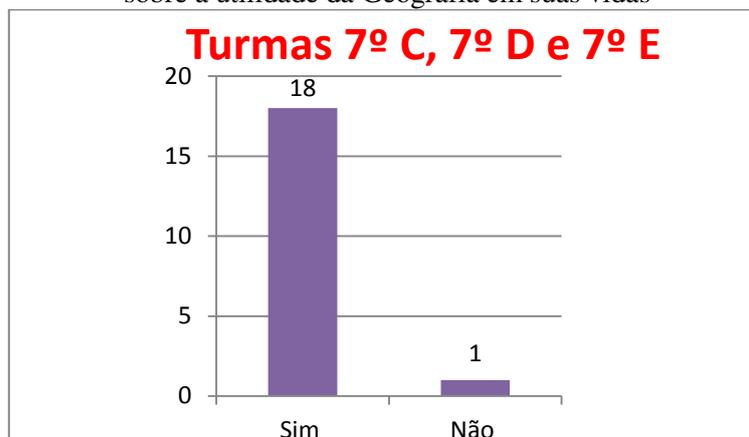
Posteriormente, os estudantes foram solicitados a declarar se possuíam algum interesse pelos estudos geográficos. Destes, 90% dos relatos responderam positivamente, no entanto, determinados alunos enfatizaram não ter muita simpatia em relação à matéria, preferindo outras disciplinas com as quais, segundo eles, têm maior afinidade e identidade.

Dando seguimento ao diálogo estabelecido com esses jovens, o próximo passo foi motivar-lhes a expressar suas impressões diante do ensino de Geografia empreendido pelo respectivo professor em sala de aula. Assim sendo, muitos elogios foram feitos ao docente, pois desempenha um trabalho que vai além do ser professor, haja vista os alunos remeterem-se bastante a sua personalidade, ao indivíduo que chega até eles transmitindo um conteúdo de forma alegre e descontraída.

Esse tipo de relato corresponde a um dado relevante em meio as nossas discussões, pois reflete uma imagem de professor ainda difícil de ser encontrada, já que tantos estão fadados ao cansaço. Pode-se dizer então que, de um modo geral, os alunos estão satisfeitos com o método de ensino e com a maneira de o educador avaliar o desempenho de cada um.

Uma das informações coletadas e que, agora, vale ser enfatizada, corresponde ao olhar dos alunos sobre a importância (ou não) desse tipo de conhecimento e, com isso, observar se reconhecem a utilidade da Geografia para os seus respectivos contextos sociais, ou seja, para o cotidiano de cada um. Vejamos, pois, a seguir (gráfico 4) um quadro quantitativo, que resume as informações adquiridas sobre as impressões dos alunos quanto a um possível reconhecimento da utilidade dessa disciplina nas suas vidas.

Gráfico 4 - 7º (C, D, E): Quadro quantitativo das impressões dos alunos sobre a utilidade da Geografia em suas vidas



Fonte: ALVES, Marcus F. G., 2014

É fácil perceber o número expressivo (quase total) de alunos que consideram a Geografia útil e importante para o seu cotidiano. Em consequência disso, dentre eles, muitos fizeram reflexões pertinentes como: “[...] *a Geografia é muito importante pra mim, pois na minha casa, pela rua e ao chegar à escola o tempo todo estou fazendo Geografia*”. (Aluno(a) do 7º ano, turma C, 2014).

Outro relato a ser destacado surgiu no 7º ano (D), neste temos: “[...] *Eu vejo sempre a Geografia presente quando observo a paisagem no dia a dia*”. Por fim, encontramos no 7º ano (E) a seguinte consideração: “[...] *a Geografia é importante, pois através da mesma posso conhecer melhor o lugar onde eu vivo*”.

Observa-se através dessas e de outras considerações que os alunos têm uma percepção um tanto quanto simplificada dos conteúdos e conceitos geográficos e, por isso, ainda precisam ser envolvidos de maneira mais efetiva neste tipo de saber para bem compreendê-lo. De acordo com Júlio César Furtado Santos (2011), em artigo sobre o papel do professor na promoção da aprendizagem significativa, tece as seguintes reflexões:

O nosso principal papel enquanto professores, na promoção de uma aprendizagem significativa é desafiar os conceitos já aprendidos, para que eles se reconstruam mais ampliados e consistentes, tornando-se assim mais inclusivos com relação a novos conceitos.³

Os estudantes ainda foram questionados sobre o livro didático de Geografia por eles utilizado. Neste aspecto, todos os que contatamos aprovaram o referido material, que

³ SANTOS, Júlio César Furtado. **O papel do professor na promoção da aprendizagem significativa**. Disponível em: <<http://www.isabelparolin.com.br/significativa.pdf>>. Acesso em: 24 out. 2014.

foi avaliado como sendo um bom livro, com bons textos e muitos mapas, além de possuir muitas informações das quais não tinham conhecimento, além disso, o considerarem ser de fácil compreensão e importante para o aprendizado em seu cotidiano.

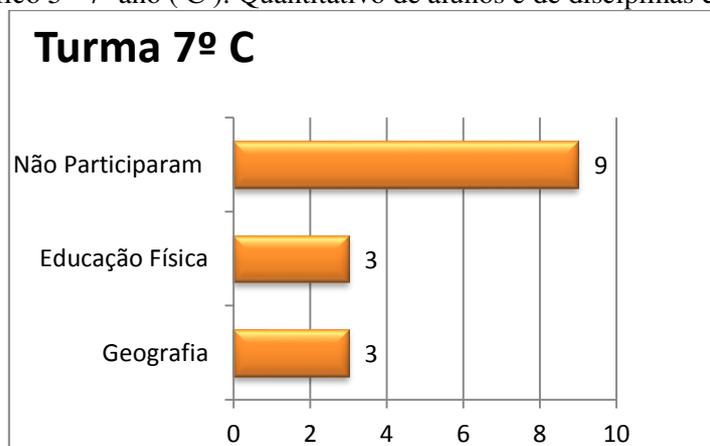
Um aspecto deveras importante e que não poderia deixar de ser solicitado refere-se ao tipo de relação estabelecida entre os sujeitos professor-aluno e aluno-aluno. Neste sentido, quando questionados se dentre eles e com o professor de Geografia, havia uma relação saudável/boa, os mesmos deram uma resposta positiva. Portanto, todos afirmaram darem-se muito bem uns com os outros.

Nos momentos finais da entrevista, tendo como cerne o questionário previamente elaborado, o foco desta pesquisa voltou-se à ótica do aluno. Neste sentido, procurou-se saber se esses estudantes reconhecem algum tipo de influência e/ou contribuição da Geografia à formação cidadã. Em conformidade com comentários aqui já expostos, as respostas a essa pergunta foram positivas, pois os alunos sinalaram reconhecer uma contribuição dessa disciplina à formação da cidadania nos mesmos.

Para uma melhor compreensão do que entendiam como sendo um fator de contribuição à formação cidadã, os alunos foram motivados a justificarem suas respostas. Como razão para tal, alguns relacionaram a importância de se aprender a Geografia ao meio em que vivem, procurando, com o conhecimento adquirido, preservar o meio ambiente, conhecer as rochas, o relevo, as regiões e o aspecto crítico da sociedade.

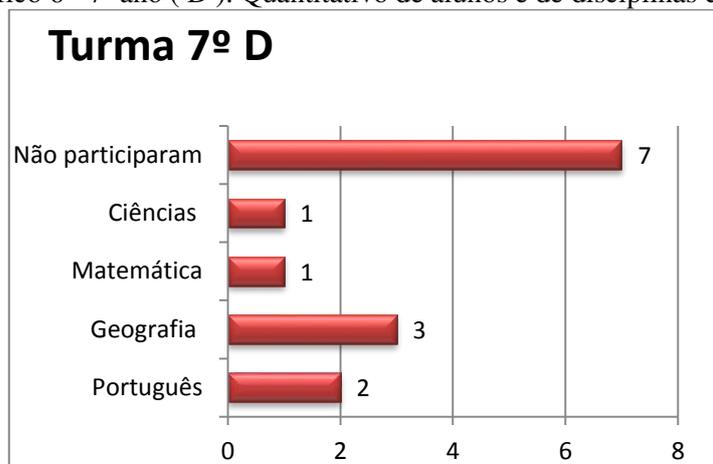
Para finalizar a entrevista, os jovens aprendizes foram estimulados a citar a disciplina com a qual mais se identificam no ambiente escolar. Tais respostas podem ser visualizadas através dos seguintes gráficos (5, 6 e 7):

Gráfico 5 - 7º ano (C): Quantitativo de alunos e de disciplinas citadas



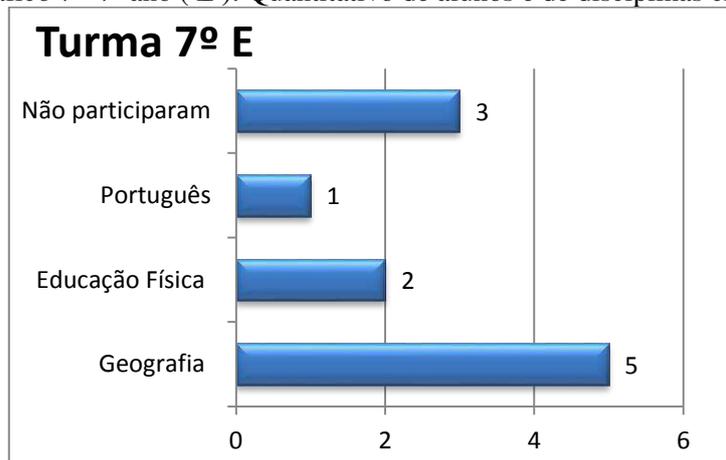
Fonte: ALVES, Marcus F. G., 2014

Gráfico 6 - 7º ano (D): Quantitativo de alunos e de disciplinas citadas



Fonte: ALVES, Marcus F. G., 2014

Gráfico 7 - 7º ano (E): Quantitativo de alunos e de disciplinas citadas



Fonte: ALVES, Marcus F. G., 2014

A partir dos dados acima apresentados, verifica-se que os alunos apreciam bastante a matéria. Deve-se ainda acrescentar a essas informações que, nas turmas do 7º ano (D e E), em determinadas respostas houve a associação com mais de uma matéria e, neste caso, a disciplina de Geografia também foi citada juntamente a outras, como Matemática, Educação Física e Português.

4.3 A PESQUISA E SEUS RESULTADOS: A ÓTICA DO OBSERVADOR

Esta etapa do trabalho tem como finalidade avaliar as informações obtidas pela pesquisa nas suas duas instâncias: presencial e documental. Com isso, serão descritos os

pontos observados como positivos e negativos, e os resultados alcançados no período em que se deu o contato com os sujeitos, foco de nosso estudo.

Assim sendo, com base no exposto por professores e alunos, percebeu-se que o ensino-aprendizagem de Geografia, no ambiente escolar investigado, teve razoável evolução, dado este que nos faz constatar que, apesar dos esforços de muitos professores para se adequarem às novas metodologias de ensino e da busca por um efetivo aprendizado, existe ainda certa dificuldade para os discentes sentirem-se familiarizados com os conteúdos geográficos. Isso quer dizer que, ao aluno, deve ser proporcionado um estudo ressignificado da disciplina, momentos em que não precisem decorar o que estão ouvindo ou lendo e, por fim, acrescentar aos conteúdos geográficos maneiras úteis de estudo e necessárias ao contexto social dos educandos.

Em um determinado momento da pesquisa, foram realizadas observações de aulas nas turmas em questão. Neste percurso, pôde-se verificar que os professores apresentavam domínio sobre os conteúdos a serem trabalhados. Outra percepção diz respeito ao modo como explicavam o dado conteúdo, procurando sempre fazer da maneira mais significativa possível, tentando manter a atenção dos alunos. Quanto à postura desses profissionais, pode-se dizer que ambos mantiveram um bom comportamento por parte dos alunos em suas respectivas turmas, que se estendeu a um ótimo relacionamento constatado dentro e fora da sala de aula.

Ao avaliar a postura dos alunos, no momento em que o pesquisador se fez presente, além do bom comportamento constatado com a grande maioria, esta mesma porcentagem pareceu gostar bastante dos conteúdos referentes à Geografia. Tal dado corresponde, inclusive, à boa parte dos educandos que não participaram das entrevistas. É válido ressaltar que os jovens não simpatizantes com a disciplina dificultaram a aula, não dando muita atenção às explicações e, conseqüentemente, mantendo conversas paralelas com outros colegas.

Apesar da maior parte dos alunos ter declarado entre outras palavras: “A Geografia é importante, tem utilidade no nosso dia a dia e pode ajudar na formação como cidadão.”, muitos ainda não expressam bem suas ideias em relação ao assunto. Isso porque um bom número associou a disciplina tão somente ao estudo de elementos como a cidade, o relevo, o meio ambiente e a região Nordeste, não conseguindo, estes, relacionar a Geografia as suas realidades.

Diante dessas constatações e apreciações, reafirma-se a importância de o professor ter a habilidade para desenvolver tais temáticas, associando-as com o conhecimento prévio dos alunos, conforme enfatiza Ferreira et al (2011, p.2): “O conhecimento obtido pelos educandos em sua vida cotidiana precisa ser valorizado, o professor precisa valorizar e trabalhar esse conhecimento que os alunos adquiriram no seu dia a dia”.

Voltemos aos relatos dos professores entrevistados, quando estes apresentaram bastante queixa em relação à falta de motivação de muitos alunos ao aprendizado, em especial, à leitura. Para os respectivos docentes, tais falhas são pertinentes, pois configuram a falta de ações consideradas indispensáveis à construção de um conhecimento.

Diante disso, não podemos nos deixar enganar e achar que o ensino de Geografia deixou de ser tradicional, pois ainda o é. Por isso, faz-se pertinente que os professores revejam suas práticas e associem a elas métodos dinâmicos de aprendizado. Sobre isso, Pires (2012, p.3-4) reflete:

O fato de esse processo ter se construído historicamente contribuiu para que o método tradicional como modelo de prática pedagógica seja mais frequente que imaginamos. Nessa perspectiva, surgem algumas questões: Por que isso ocorreu? O que leva um professor a mudar ou não sua prática pedagógica? A prática pedagógica do professor de Geografia necessita de transformações?

Apesar de os professores A e B terem afirmado encontrarem-se insatisfeitos com o ensino-aprendizagem e com o convívio em sala de aula, algo positivo foi ressaltado, já que ambos, com base nas observações realizadas, mantêm um ótimo entrosamento com seus educandos. Um dado que se faz relevante para os dias de hoje, já que tantas realidades demonstram o contrário. Considera-se, portanto, que esse bom relacionamento seja o ponto inicial para tornar as aulas de Geografia mais proveitosas e significativas ao processo de ensino.

As reações e impressões dos sujeitos estudados foram bastante discutidas e avaliadas, mas há outro elemento, também anteriormente mencionado, que necessita de algumas outras considerações. Estamos falando da escola enquanto espaço físico, haja vista o projeto inicial e final desse prédio ter se dado com a motivação para a construção de um hospital e não de uma escola. Por esse motivo, professores, alunos e demais funcionários relataram um certo desconforto com esse espaço, pois, segundo consta, a

escola não possui todos os ambientes importantes ao desenvolvimento das várias atividades escolares que se poderia realizar na instituição.

Para dar a localização exata do lugar onde está edificado o prédio da Escola Municipal Dr. José Dantas Pinheiro, abaixo (figura 5) uma fotografia com vista aérea do lugar.

Figura 5 - Vista aérea da Escola Municipal Dr. José Dantas Pinheiro, em destaque



Fonte: GOOGLE MAPS, 2013

Em se tratando de um espaço físico, independente da sua função a ser desempenhada na sociedade, as pessoas sentem-se bem quando situadas em um local devidamente projetado e bem estruturado, e quando este espaço corresponde ao de uma escola, o bem-estar torna-se imprescindível. Trabalhar e estudar em lugar bem organizado, com espaços adequados a todos que nele chegam e ao desenvolvimento das diversas atividades deveria ser além de uma obrigação uma realidade. A respeito disso, vejamos o que nos diz Kimura (2011 p.27-28):

Como o espaço da sala de aula está organizado? É possível, sempre que necessário, fazer alterações na disposição das carteiras? Será que existem espaços destinados para biblioteca ou espaços para atividades de leitura? Será que existem salas-ambientes, tão importantes para o ensino de Geografia? Precisamos lembrar que esta se torna mais ativamente compreensiva se forem criadas as condições para um uso mais funcional de seu variado acervo de recursos, mediante a sua oferta em espaços apropriados.

Comenta-se, por fim, sobre o livro didático de Geografia adotado e trabalhado nas turmas do 7º ano. A partir do que informaram os professores e alunos, pode-se dizer que se

trata de um bom material para as necessidades vigentes nas referidas turmas. O livro didático faz parte da coleção “Projeto Araribá” que, por sua vez, apresenta a seguinte formatação: conteúdos referentes ao território brasileiro, à população e ainda à distribuição das regiões do Brasil. Uma constatação importante, pois pode explicar o fato de alguns alunos relatarem gostar desses conteúdos.

Ao se observar a forma de apresentação dos conteúdos, pôde-se perceber que o livro é realmente bem didático, quanto à linguagem confirma-se o que professores e alunos declararam, pois possui uma linguagem clara e, portanto, de boa compreensão. Neste âmbito, vale lembrar que “Atualmente com a universalização do ensino básico, o poder público é o responsável pela definição e aquisição dos livros didáticos a ser utilizados por todos os alunos da educação básica”. (AIRES, 2011, p.82)

Reitera-se que esta pesquisa configurou-se de fundamental importância, tendo em vista que o processo de ensino-aprendizagem precisa ser constantemente avaliado, debatido e repensado para que, dessa forma, a educação de nossos jovens seja fortalecida, em especial, no Ensino Fundamental, já que nesta fase passa-se a construir as bases para os conhecimentos que surgem nas séries posteriores. Neste sentido, os profissionais da educação devem procurar incessantemente unir, de forma efetiva, teoria e prática para que nossos aprendizes construam e edifiquem os saberes necessários à inserção de cada um na sociedade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste momento, ressalta-se o valor desta pesquisa no que se refere ao preciosíssimo contato estabelecido entre pesquisador e ambiente escolar. Uma relação tão importante para os futuros profissionais, pois desde cedo passam a conhecer contextos dos quais, um dia, poderá fazer parte e passar pelos mesmos desafios. Nesse ponto de vista, verifica-se a importância de se refletir e planejar ações que levem em consideração uma aproximação efetiva entre universidade e escola.

Com isso, reitera-se a grande necessidade de se realizar pesquisas e respectivas análises que possam contribuir significativamente ao processo de ensino-aprendizagem no âmbito da disciplina de Geografia, alvo de bastantes críticas nos últimos anos por muitos profissionais, estejam eles inseridos no contexto universitário ou no ambiente escolar.

Com esse passo, muitas dificuldades encontradas no estudo dessa matéria podem ser dirimidas, especialmente no que diz respeito ao processo de ensino nos anos fundamentais, uma fase pela qual passamos ao longo da vida escolar e que necessita de maiores cuidados e atenção. O ensino de Geografia precisa, urgentemente, de uma reformulação planejada em nome de novas metas e perspectivas voltadas realmente para o professor e para o aluno na mesma proporção.

É fato que o saber geográfico vem sendo impactado por novas demandas da sociedade, o que acaba por reforçar uma urgente reorganização curricular e adaptação desse conhecimento ao cotidianamente dos alunos, que terão a oportunidade de exercer a criticidade e agir mediante as exigências da sociedade.

O trabalho realizado na Escola Municipal Dr. José Dantas Pinheiro possibilitou uma valiosa experiência, pois pelo contato direto com a prática pedagógica dos professores, como também com os alunos, pôde-se observar e refletir algumas ações e situações de ensino necessitadas de valorização e ressignificação.

A partir da análise dos dados muitas carências foram confirmadas e, por isso, tanto se reforça a elaboração de planos e metas que contribuam para o processo de ensino pelo qual passa o estudo da Geografia nas escolas. Faz-se, pois, urgente a existência de algo que realmente gere bons efeitos no aprendizado dos alunos e não apenas mascare as várias realidades.

O aprimoramento dos recursos didáticos, como também a busca por outros de igual valor pode ser um primeiro passo para essa mudança. Também pensemos na

capacitação profissional, uma exigência para todo professor, mas que, muitas vezes, não são projetadas para o educador real, mas sim para um professor que existe apenas no mundo das ideias. Neste sentido, o que se deve priorizar quando o assunto é ensino-aprendizagem é a instituição de uma boa relação entre professor-aluno e, para isso, outros aspectos devem surgir a começar pela organização dos espaços nas escolas, pois sem um local, no mínimo, razoável, tudo se torna mais difícil.

Em se tratando do contexto escolar estudado, cumpre lembrar que, assim como em outros, o espaço físico requer uma atenção maior, haja vista ser considerado pelos sujeitos que nele estão inseridos um ambiente inadequado para a função que desempenha, com a necessidade, portanto, de se projetar outros espaços, como para o lazer, recreação e refeição, afinal, uma escola é feita de carências básicas e devem ser vistas como igualmente importantes a uma sala de aula. Tais propostas surgiram dos próprios sujeitos investigados, que também consideram a escola um bom lugar para se trabalhar e estudar, apesar dos pesares.

Cumpre ressaltar que a Escola Dr. José Dantas Pinheiro cresce a cada ano em matrículas para o ensino básico I e II, EJA e cursos profissionalizantes e, por isso, nada mais justo que ofereça aos alunos um ensino de qualidade amparado por uma estrutura material adequada as suas carências.

Por fim, reafirma-se a mudança dos rumos que o ensino-aprendizagem de Geografia deve tomar. Bons profissionais existem, mas é preciso que, a eles, seja possibilitado agirem como bons educadores que são e não a se acostumarem com as dificuldades tão somente. Com isso, talvez possamos esperar que jovens estudantes parem de ver a Geografia apenas como algo pelo qual podem estudar o espaço, as regiões e os mapas, e passem a entender a importância desse saber para a sua vida hoje e sempre.

REFERÊNCIAS

AIRES, Rosilene. Papel dos sujeitos sociais envolvidos no processo avaliativo de livros didáticos de Geografia para as séries iniciais do Ensino Fundamental I. **GEOSABERES - Revista de Estudos Geoeducacionais**, Fortaleza, v. 2, n. 3, 2011, p. 78-88. Disponível em: <<http://www.geosaberes.ufc.br/seer/index.php/geosaberes/article/view/73/pdf37>>. Acesso em: 26 nov. 2014.

ALBUQUERQUE, Maria Adailza Martins de. Século de prática de ensino de geografia: permanências e mudanças. In: REGO, Nelson; CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; KAERCHER, Nestor André. **Geografia: práticas pedagógicas para o ensino médio**. Porto Alegre: Penso, 2011, p. 14-30.

BOLIGIAN, Levon. A Geografia escolar a partir dos livros didáticos: História da disciplina no Brasil. **SIMPOGEO - Simpósio de Pós-graduação em Geografia do Estado de São Paulo**, Rio Claro, v. 8, 2008, p. 836-849. Disponível em: <http://xa.yimg.com/kq/groups/18082905/631060516/name/SIMPOGEO_levon+Livro+Did%C3%A1tico.pdf>. Acesso em: 01 dez. 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Orientações curriculares para o ensino médio**. Ciências humanas e suas tecnologias. Brasília: MEC/SEB, v. 3, 2006.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental - Geografia**. Brasília: MEC/SEF. 1998.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. Diferentes Conceitos nas Complexas Práticas de Ensino em Geografia. In: TONINI, I. M.; GOULART, L.B.; MARTINS, R. E. M. W.; KAERCHER, N. A.; CASTROGIOVANNI, A. C.. (Org.). **O Ensino da Geografia e suas Composições Curriculares**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2014, p. 175-183.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. 4. ed. Campinas: Papirus, 2003.

_____. Referências Pedagógicas Didáticas para Geografia Escolar. **Geografia e Práticas de Ensino**. Goiânia: Alternativa, 2002, p. 29-46.

CORDEIRO Joel Maciel Pereira; BASÍLIO Josenilson Soares. Diversidade Florística da Caatinga, Atividades Antrópicas e Degradação Ambiental – um estudo na zona rural dos municípios de Serra da Raiz, Sertãozinho e Belém – Paraíba, Brasil. In: SEABRA Giovanni; MENDONÇA Ivo (Orgs). **Educação Ambiental: responsabilidade para a conservação da sociobiodiversidade**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2011. p. 53-59.

EMEIF DR. JOSÉ DANTAS PINHEIRO. **Projeto Político Pedagógico**. Secretaria de Educação e Cultura. São João do Rio do Peixe-PB, 2014.

EMEIF DR. JOSÉ DANTAS PINHEIRO. **Projeto Político Pedagógico**. Secretaria de Educação e Cultura. São João do Rio do Peixe-PB, 2010.

FELÍCIO, Helena Maria dos Santos; OLIVEIRA, Ronaldo Alexandre de. A formação prática de professores no estágio curricular. **Educar em revista**, Curitiba: Editora UFPR, n. 32, 2008, p. 215-232. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/educar/article/view/5838/9382>>. Acesso em: 30 dez. 2014.

FERREIRA, Alessandra Aparecida; RODRIGUES, Simone Xavier Camilo; JESUS, José Novais de. **A importância da prática de ensino em Geografia**, 2011. Disponível em: <<http://www.ceped.ueg.br/anais/ivedipe/pdfs/geografia/co/114-187-1-SM.pdf>>. Acesso em: 07 abr. 2014.

HIROTA, Selma Fernandes Vieira. **A influência das correntes históricas do pensamento geográfico**: geografia tradicional e geografia crítica no ensino da geografia. 2008. 46 f. TCC (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual de Goiás, Morrinhos, 2008. Disponível em: <http://bibliotecauegmorrinhos.com/tcc/docs/eliane_mono.pdf>. Acesso em: 25 out. 2014.

KAERCHER, Nestor André. O gato comeu a Geografia Crítica? Alguns obstáculos a superar no ensino-aprendizagem de Geografia. In: PONTUSCHKA, Nídia Nacib; OLIVEIRA, Arioaldo Umbelino de. **Geografia em perspectiva**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004, p. 221-231.

KIMURA, Shoko. **Geografia no Ensino Básico**: Questões e Propostas. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

MARASCA, Maristela. **Os desafios da Geografia no 6º ano do Ensino Fundamental**. 2013. 47 f. TCC (Graduação em Geografia) - Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Unijuí, 2013. Disponível em: <<http://bibliodigital.unijui.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/1575/Escritos20TCC.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 07 jun. 2014.

MEDEIROS, Lucy Sátyro de; CARDOSO, Carlos Augusto de Amorin. A Geografia Escolar nas várias perspectivas. **10º Encontro Nacional de Práticas de Ensino em Geografia**, Porto Alegre, 2009. Disponível em: <[http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/GT/GT3/tc3%20\(999\).pdf](http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/GT/GT3/tc3%20(999).pdf)>. Acesso em: 16 abr. 2014.

MOURA, Marisa Ribeiro. O professor de geografia e sua prática profissional: qual seu papel na sociedade atual. **GEOSABERES - Revista de Estudos Geoeducacionais**, Fortaleza, v.3, n.5, p. 3-11, 2012. Disponível em: <<http://www.geosaberes.ufc.br/seer/index.php/geosaberes/article/view/40/pdf500>>. Acesso em: 09 set. 2014.

OLIVEIRA, Livia de. O Ensino/Aprendizagem de Geografia nos diferentes Níveis de Ensino. In: PONTUSCHKA, Nídia Nacib; OLIVEIRA, Arioaldo Umbelino

de. **Geografia em perspectiva: ensino e pesquisa**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004, p. 217-219.

OLIVEIRA, Marlene Macário de. A Geografia Escolar: reflexões sobre o processo didático-pedagógico do ensino. **Revista Discente Expressões Geográficas**, Florianópolis, n.2, p. 10-24, jun. 2006. Disponível em: <<http://www.geograficas.cfh.ufsc.br/arquivo/ed02/artigo01.pdf>>. Acesso em: 07 abr. 2014.

PIRES, Lucineide Mendes. Ensino de Geografia: cotidiano, práticas e saberes. XVI ENDIPE - **Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino**, UNICAMP – Campinas, 2012. Disponível: <<http://www2.unimep.br/endipec/1814p.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2013.

RAMOS, Marta Gonçalves da Silva. **A importância dos recursos didáticos para o ensino da geografia no ensino fundamental nas séries finais**. 2012. Disponível em: <http://bdm.bce.unb.br/bitstream/10483/5101/1/2012_MartaGoncalvesdaSilvaRamos.pdf>. Acesso em: 06 ago. 2014.

REZENDE, Danyla Martins; PIRES, Lucineide Mendes. A visão dos alunos do Ensino Médio sobre o Ensino de Geografia: um estudo de caso do Instituto Federal Goiano - Campus Morrinhos. ENPEG - **10º Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia**. Porto Alegre, 2009. Disponível em: <[http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/GT/GT4/tc4%20\(21\).pdf](http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/GT/GT4/tc4%20(21).pdf)>. Acesso em: 24 nov. 2014.

SANT'ANNA, Ilza Martins; MENZOLLA, Maximiliano. **Didática: aprender a ensinar: Técnicas e reflexões pedagógicas para a formação de professores**. 7. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

SANTOS, Júlio César Furtado. **O papel do professor na promoção da aprendizagem significativa**. Disponível em: <<http://www.isabelparolin.com.br/significativa.pdf>>. Acesso em: 27 out. 2014.

SATO, Elizabeth Cristina Maceo; FORNEL, Silvia Renata. Conhecimento do Espaço Escolar. In: PASSINI, Elsa Yasuko. **Prática de ensino de Geografia e estágio supervisionado**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

SEABRA, Giovanni. O planejamento das cidades. **Geografia: Fundamentos e Perspectivas**. 4. ed. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2007, p. 97-103.

SILVA, Vlória da; MUNIZ, Alexandra Maria Vieira. A geografia escolar e os recursos didáticos: o uso das maquetes no ensino-aprendizagem da Geografia. **GEOSABERES - Revista de Estudos Geoeducacionais**, Fortaleza, v.3, n. 5, p. 62-68, 2012. Disponível em: <<http://www.geosaberes.ufc.br/seer/index.php/geosaberes/article/viewFile/117/pdf506>>. Acesso em: 06 ago. 2014

SOUSA, Edilson Tomaz de. **São João do Rio do Peixe, Nossa Terra, Nossa História**. Gráfica & Fotolito Ideal, 2007.

SOUSA, Ó. C. de. Aprender e ensinar: significados e mediações. In: TEODORO, A.; VASCONCELOS, M. L. et al. **Ensinar e aprender no ensino superior**: por uma epistemologia da curiosidade na formação universitária. 2. ed. São Paulo: Editora Mackenzie; Cortez, 2005, p. 35-60.

SOUZA, Marcelo Lopes. A cidade vista por dentro. **ABC do Desenvolvimento Urbano**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003, p. 63-80.

_____. O que faz de uma cidade uma cidade? **ABC do Desenvolvimento Urbano**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003, p. 23-40.

SOUZA, Neuza Aparecida de; MOLINARI, Jean. O ensino de geografia e o livro didático. **Anais...** Goiás: VIII Encontro Dia do Geógrafo, 2013, v. 1, n. 1, p. 92-94. Disponível em: <<http://www.prp.ueg.br/revista/index.php/diadogeografo/article/download/2341/1418>>. Acesso em: 26 nov. 2014.

STRAFORINI, Rafael. **Ensinar geografia**: o desafio da totalidade-mundo nas séries iniciais. Campinas: Annablume, 2001.

ANEXOS



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCG
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS - UACS
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

Entrevista/Roteiro para o professor

Instituição de Ensino: _____

Professor (a): _____

1. Formação: _____

2. Há quanto tempo leciona a disciplina de Geografia no 7º Ano (6ª série)?

3. Quais os principais problemas e dificuldades enfrentados com os alunos?

4. Qual sua visão em relação ao ensino-aprendizagem no convívio da sala de aula:

a) () Satisfatório

b) () Insatisfatório

c) () Relação aluno e professor

d) () Falta de recursos didáticos

5. Como você percebe as causas que dificultam a aprendizagem da turma, e quais os meios utilizados para minimizar tais dificuldades?

6. Quais dos recursos e/ou ferramentas abaixo você utiliza para desenvolver suas aulas de Geografia:

- a) () livro didático
- b) () documentários, vídeos
- c) () jornal, revistas
- d) () dinâmicas

Outros: _____

7. Qual a sua perspectiva em relação às novas modalidades de ensino diante das exigências contemporâneas para o ensino de Geografia?

8. Quais os obstáculos enfrentados no âmbito escolar que dificultam o melhor desempenho da sua profissão?

9. Como você utiliza o livro didático e qual sua opinião sobre ele?

10. Qual sua sugestão sobre o ensino presente e suas perspectivas para o futuro da disciplina de Geografia?



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCCG
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS - UACS
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

Questionário/Roteiro para o aluno

Instituição de Ensino: _____

Aluno (a): _____

1. Você gosta da disciplina Geografia:

a) () sim

b) () não

2. Qual a importância dos conteúdos de Geografia para você?

3. O que você mais gosta na disciplina de Geografia?

4. Você tem interesse pelos estudos geográficos? Justifique sua resposta.

5. O que você diz em relação ao ensino de Geografia através do seu professor?

6. Para você, a Geografia tem utilidade no seu dia a dia?

7. Você gosta do que apresenta o seu livro didático de Geografia?

8. Você tem uma boa relação em sala de aula com seu professor e seus colegas nas aulas de Geografia:

- a) sim
b) não

9. Você acredita que o ensino de Geografia pode contribuir na sua vida como cidadão:

- a) sim
b) não

Por quê: _____

10. De um modo geral, qual a disciplina que você mais gosta?
